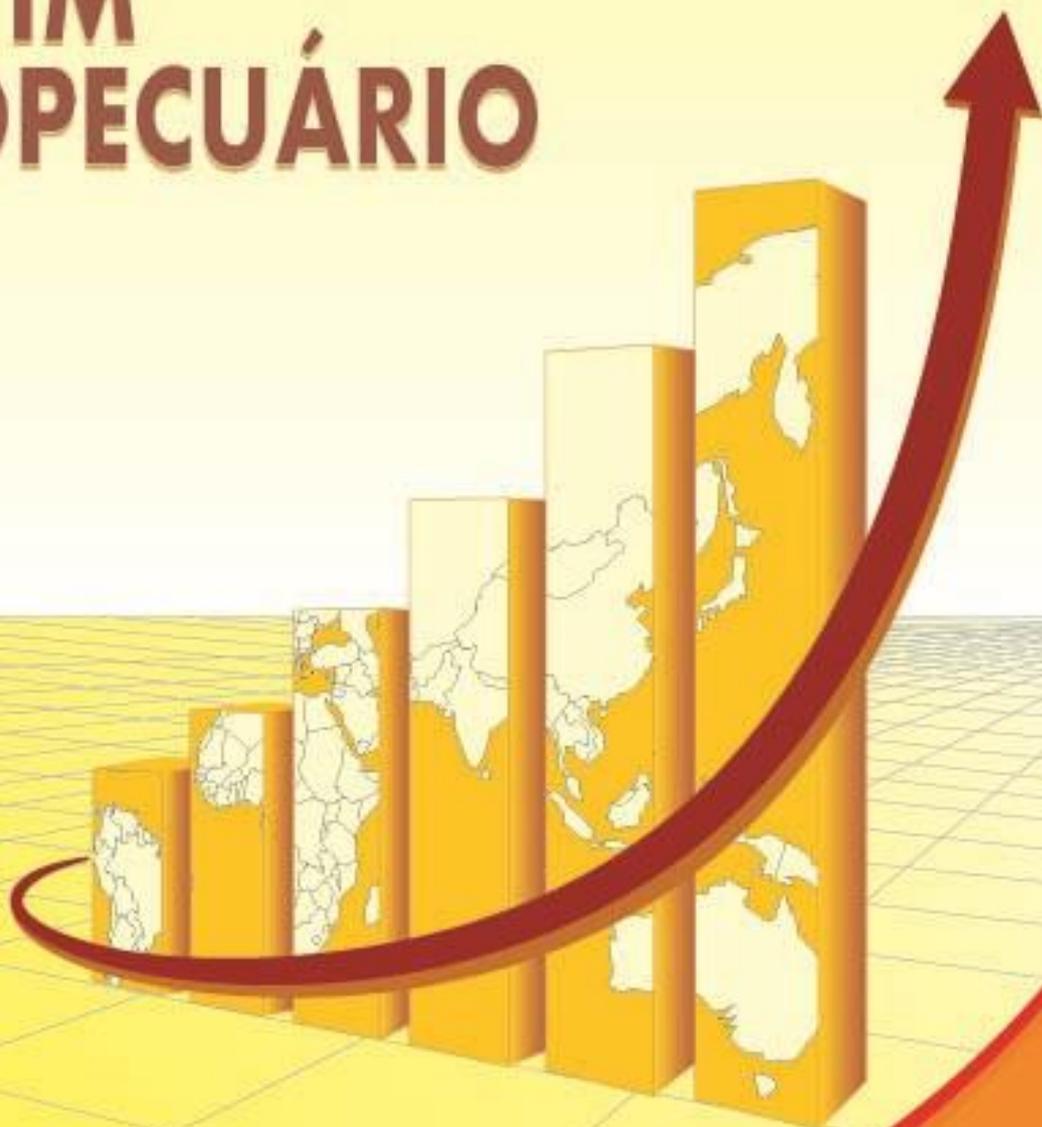


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Abril/2017 – Nº 47





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Elias Tavares – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual: Laertes Rebelo

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

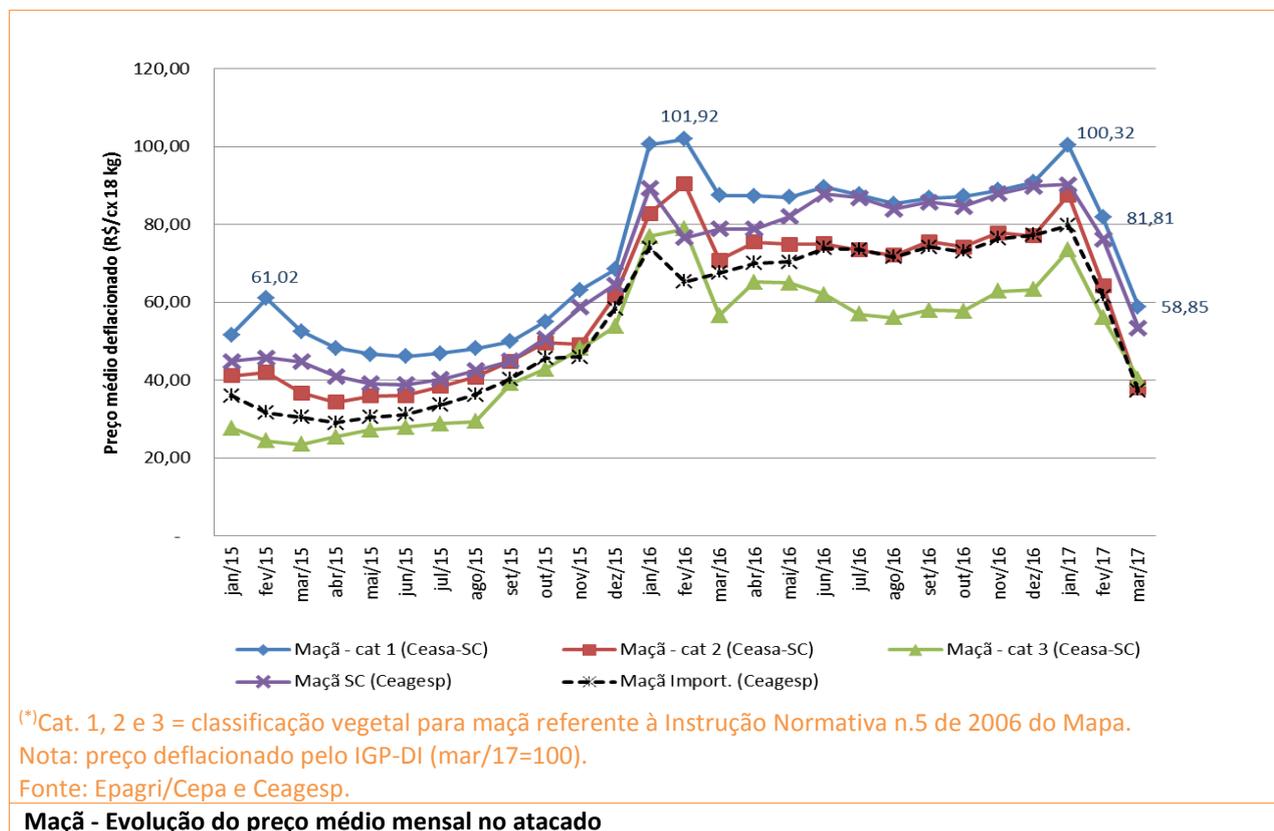
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	16
Soja	20
Trigo.....	22
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola.....	27
Pecuária	29
Avicultura.....	29
Bovinocultura	38
Suinocultura.....	44
Leite	53

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do Mapa.

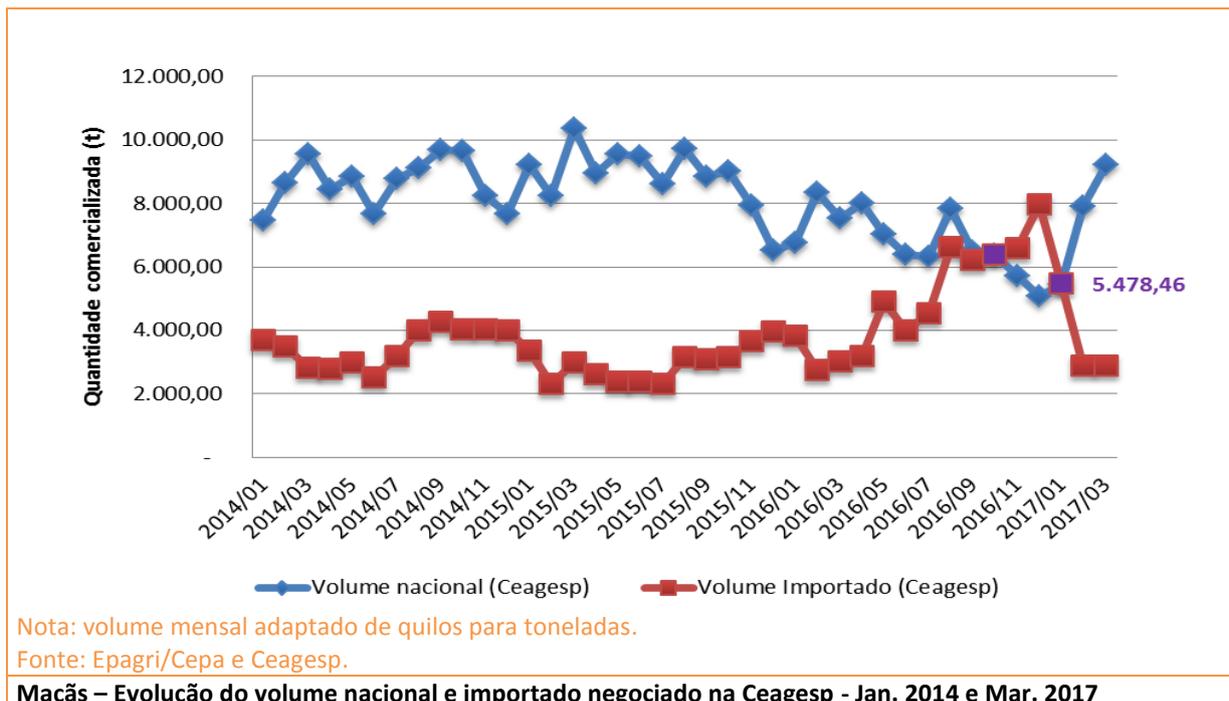
Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (mar/17=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

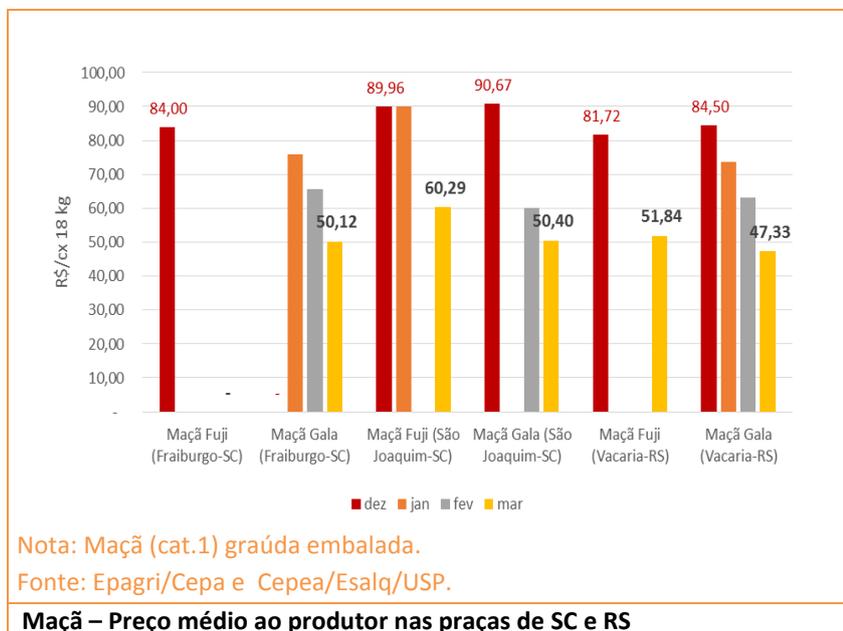
Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Nas principais centrais de abastecimento de SC e SP, em março de 2017, os preços deflacionados da maçã retornam aos patamares de 2015. As cotações estavam valorizadas em 2016, com baixa oferta da maçã nacional no mercado. Em março de 2016, na Ceara/SC, os preços da maçã estavam valorizados em relação ao ano de 2015 em 67%, 93% e 140% para as categorias 1, 2 e 3, respectivamente. No mercado a maior proporção de cat.3 pressionava ainda mais a elevação dos preços da fruta mais bem classificada. Na Ceagesp, a maçã importada apresentava o preço médio 122% acima dos valores de 2015, mesmo assim, em valores competitivos em comparação às cotações da fruta catarinense de melhor qualidade.

Em março de 2017, a safra 2016/17 apresentou maior oferta da fruta nacional que a ocorrida na safra anterior, o que provocou uma redução de 32% no preço da maçã catarinense na Ceagesp. Com o aumento do volume ofertado no atacado, em proporções maiores de maçãs das categorias 1 e 2, os preços da maçã importada reduziram 45% entre março de 2016 e 2017. Em janeiro de 2017 os preços das maçãs importadas ainda estavam competitivos e acumulavam valorização de 8% em 12 meses, mas no mês de março representam apenas 70% dos preços médios da maçã nacional negociada no entreposto paulistano. A expectativa é de manutenção dos preços atuais da fruta nacional para ganhar competitividade no mercado interno.



Na Ceagesp, a partir de janeiro de 2017, o volume da fruta importada, que estava acima da média desde maio de 2016, volta aos patamares históricos na principal central de abastecimento do País. No primeiro trimestre de 2017, a fruta importada está com volume 19% maior que 2016 e 53% maior que 2015, com a maçã italiana representando 53% do valor negociado, ou seja, mais de US\$ 11,6 mil no período. Já as exportações da fruta nacional ainda recuperam mercado com redução de 39% no volume exportado no período. O déficit na balança comercial da fruta perdura desde 2016 para o primeiro trimestre.



Em Fraiburgo, após a colheita, a oferta de fruta está elevada. Com o início das aulas a comercialização das frutas cat.3 aumenta no mercado. A qualidade das frutas eleva a proporção de maçã Gala cat.1 nos estoques.

Em São Joaquim, segue a colheita da maçã Fuji, com a maior parte sendo estocada em atmosfera controlada para comercialização no segundo semestre. A estratégia é a comercialização da maçã Gala para suprir a demanda interna que está aquecida com a diminuição nos preços das frutas nacionais.

Em Vacaria/RS, os volumes colhidos de Gala e Fuji já superam os da safra 2015/16. A expectativa é ganhar no volume e na qualidade da fruta da safra atual.

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 – Santa Catarina

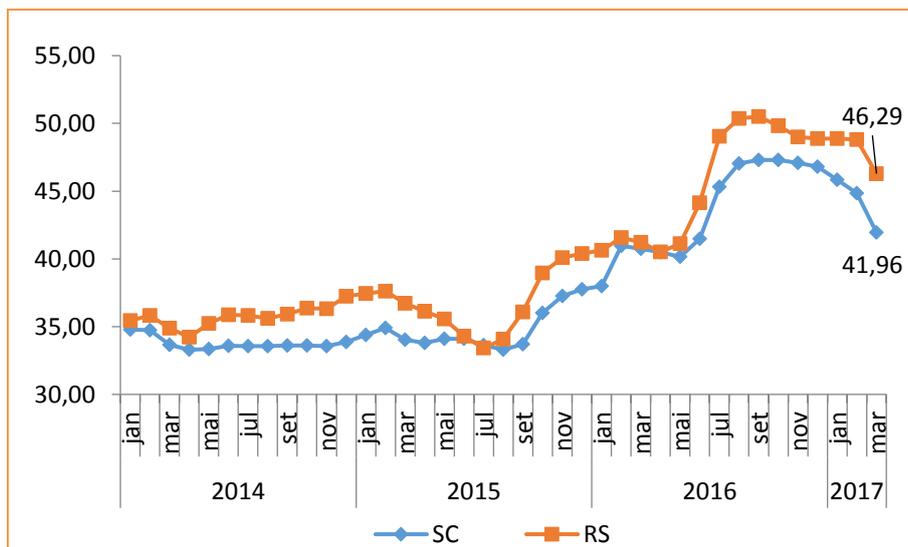
Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa inicial 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa atual 2016/17 (Epagri/Cepa)			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produ- ção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área Colhida	Produ- ção	Rend. médio
Joaçaba	3.287	128.829	39.193	3.287	129.129	39.285	0,0	0,2	0,2
Canoinhas	159	4.558	28.667	159	4.558	28.667	0,0	0,0	0,0
Curitibanos	1.008	38.682	38.375	1.008	38.682	38.375	0,0	0,0	0,0
Campos de Lages	11.963	419.187	35.040	11.962	399.118	33.365	0,0	-4,8	-4,8
Outras	6	37	6.167	6	37	6.167	0,0	0,0	0,0
Total	16.423	591.293	36.004	16.422	571.524	34.802	0,0	-3,3	-3,3

Fonte: Epagri/Cepa, 2016.

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (RS)

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Mar./2017) – R\$/sc 50kg

Os preços ao produtor em março de 2017 seguiram trajetória de queda nos principais estados produtores. Em Santa Catarina, os preços fecharam em R\$41,96, o que representa uma variação negativa de quase 6,5% em relação ao mês anterior. No Rio Grande do Sul os preços fecharam um pouco acima, R\$46,29, variando -5,14% em relação ao mês anterior. O avanço da colheita nos dois estados, que representa aumento da oferta interna do grão, tem sido a causa da queda dos preços. Essa baixa deve continuar nos próximos

meses até a entrada do período de entressafra.



Fonte: Secex/MDIC.

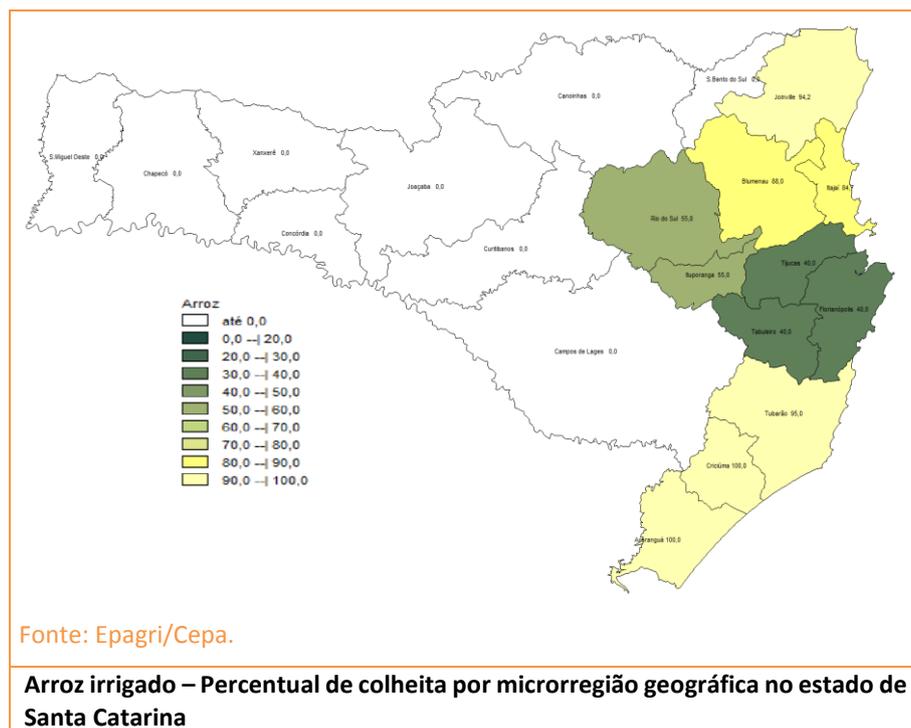
Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas

De janeiro a março de 2017 Santa Catarina exportou 1.615 toneladas de arroz em grão e para semente, enquanto as importações já representam quase a metade do que foi importado no ano de 2016, cerca de 15,3 mil toneladas. As origens das importações continuam sendo Uruguai e Paraguai, predominantemente em razão da proximidade desses países com o Estado, o que reduz os custos de comercialização, e pelas características do grão nesses países, que atendem às exigências do consumidor interno. Em função do aumento das importações para suprir a necessidade da indústria do Estado, o salto atualmente é de -13,7 mil toneladas.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51454	364913	7092	51730	368995	7133	0,54	1,12	0,58
Blumenau	8208	65441	7973	8379	67138	8013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20625	148165	7184	20857	143551	6883	1,12	-3,11	-4,19
Florianópolis	2895	16336	5643	3095	17336	5601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9088	59997	6602	9261	68561	7403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1554	6000	269	2152	8000	3,86	38,48	33,33
Joinville	19655	126509	6436	19736	166576	8440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10684	77324	7237	10759	89384	8308	0,70	15,60	14,79
Tabuleiro	125	1050	8400	146	1238	8479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2690	20300	7546	2690	20300	7546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21025	158508	7539	21094	156253	7407	0,33	-1,42	-1,75
Santa Catarina	146708	1040097	7090	148016	1101484	7442	0,89	5,90	4,97

Fonte: Epagri/Cepa.



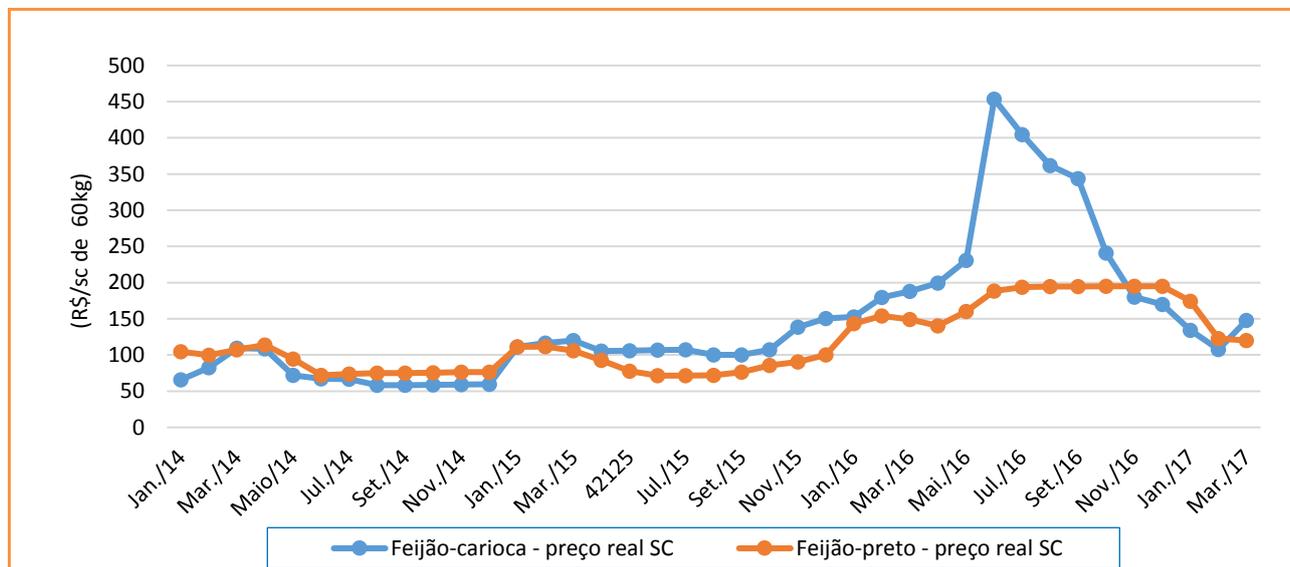
Fonte: Epagri/Cepa.

O andamento da safra 2016/17 segue normalmente no Estado, se aproximando do fim em algumas regiões de Santa Catarina. Atualmente cerca de 91% da área plantada do grão no Estado já foi colhida. Na média estadual, o rendimento esperado é de 7,4 toneladas por hectare, cerca de 149 sacas de 50kg por hectare. O clima propício ao longo da safra permitiu um aumento que atingiu cerca de 5% no rendimento em relação ao ano passado, resultando em 5,9% de aumento na produção esperada, que deverá ser de 1,1 milhões de toneladas no Estado. Algumas regiões como o Sul Catarinense já encerraram a

colheita e os produtores comemoram a boa safra com rendimento médio em torno de 143 sacas por hectare. O clima seco e as altas temperaturas aceleraram a maturação das lavouras, permitindo que os produtores adiantassem a colheita que se intensificou na segunda quinzena de fevereiro. Na região do Alto Vale, as lavouras também têm apresentado boa expectativa em relação ao rendimento médio, que pode chegar a 180 sacas por hectare na média da região. A Região Norte, onde a colheita já se aproxima do fim, tem apresentado problemas para o avanço das atividades nas últimas semanas em razão do tempo chuvoso que tem proporcionado poucos períodos viáveis para a colheita, mesmo que as lavouras estejam maduras e aptas para o consumo.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (março/2017 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de feijão-carioca em Joaçaba/SC e feijão-preto em Chapecó/SC – Jan./2014 a Mar./2017

Em março o preço pago ao produtor de feijão-carioca foi 37% superior ao mês anterior. Na praça de Joaçaba, SC, referência para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$107,78 em fevereiro para R\$147,65 em março. Já o produtor de feijão-preto viu os preços recuarem ainda mais neste último mês, cerca de 2,26%. Em fevereiro, pela saca de 60kg do produto, o produtor recebeu R\$122,78, enquanto em março o preço mais comum, na praça de referência de Chapecó, foi de R\$120,00.

Em relação ao feijão-carioca, a produção tem sido comercializada assim que é colhida. Com o preço estável no mercado, alguns produtores estão optando por armazenar o produto a espera de melhores preços.

De maneira geral, os produtores ficaram decepcionados com os preços recebidos nesta safra. Isso porque, no ano passado nesta mesma época, o preço era cerca de 24% superior (R\$194,00). Para o feijão-preto, a diferença de preço entre março/2016 e março/2017 foi de cerca de 20%.

No mercado atacadista os preços seguem firmes. Em São Paulo o produto feijão-carioca extra (nota 9,0), proveniente de Santa Catarina, chegou a ser negociado a R\$175,00/saca de 60kg na última semana do mês de março. O feijão-preto extra teve cotação a R\$180,00/saca de 60kg e também segue firme.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Fev./17 (R\$)	Mar./17 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	107,78	147,65	36,99
Paraná	104,57	128,55	22,93
Minas Gerais	116,32	145,56	25,14
Espírito Santo	131,25	159,00	21,14
Bahia	125,63	158,40	26,08
Goiás	120,47	147,80	22,69

⁽¹⁾ praça de referência Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 12/04/2017).

Em março os preços do feijão-carioca tiveram forte elevação. No Paraná o preço médio pago ao produtor variou positivamente em cerca de 23% em relação aos preços médios praticados em fevereiro. Em Minas Gerais essa variação foi de 25% e na Bahia o aumento foi de cerca de 26%.

Feijão-preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Fev./17 (R\$)	Mar./17 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	122,78	120,00	-2,26
Espírito Santo	236,25	156,00	-33,97
Goiás	190,63	177,50	-6,89
Paraná	127,39	130,07	2,10
Rio de Janeiro	176,25	163,00	-7,52
Rio Grande do Sul	172,68	154,33	-10,63

⁽¹⁾ praça de referência Chapecó, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 12/04/2017).

Para o feijão-preto, com mercado estável, a variação de preço entre os meses de fevereiro e março não foi significativa. No Rio Grande do Sul, importante estado produtor de feijão-preto, houve queda de 10,6%, e no Paraná, pequena alta de 2,1%. O Espírito Santo, segundo dados da Conab, foi um dos estados que apresentou maior queda do preço do feijão-preto pago ao produtor, variação negativa de aproximadamente 34% entre os meses de fevereiro e março.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

Microrregião	Safra 2015/2016			Estimativa atual safra 2016/2017			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	30	30	1000	-80	-79	3
Blumenau	328	328	1000	164	168	1024	-50	-49	2
Campos de Lages	9720	19541	2010	9450	19985	2115	-3	2	5
Canoinhas	5570	8452	1517	6160	13450	2183	11	59	44
Chapecó	1746	2953	1691	2386	5074	2126	37	72	26
Concórdia	514	527	1025	400	585	1463	-22	11	43
Criciúma	345	464	1312	1076	1312	1219	212	183	-7
Curitibanos	15600	27529	1765	10595	21767	2054	-32	-21	16
Florianópolis	280	370	1321	140	185	1321	-50	-50	0
Itajaí	19	22	1158	7	8	1143	-63	-64	-1
Ituporanga	500	412	824	931	1857	1995	86	351	142
Joaçaba	4288	7429	1733	3733	7019	1880	-13	-6	9
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	620	444	716	602	992	1648	-3	123	130
São Bento do Sul	430	540	1256	445	838	1883	3	55	50
São Miguel do Oeste	992	1427	1439	1082	1896	1752	9	33	22
Tabuleiro	970	1088	1122	400	442	1105	-59	-59	-1
Tijucas	468	621	1327	264	426	1614	-44	-31	22
Tubarão	1002	1357	1354	1057	1503	1422	5	11	5
Xanxerê	4855	10521	2167	7035	16658	2368	45	58	9
Santa Catarina	48434	84190	1738	45971	94204	2049	-5	12	18

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Março/2017).

Em Santa Catarina, segundo nossos dados de acompanhamento de safra, cerca de 93% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já foi colhida. Na região de Curitibanos, Joaçaba e Lages, regiões que plantam mais tarde o feijão 1ª, acreditamos que falta colher pouco mais de 10% da área plantada. Até o momento, estimamos que nesta safra teremos uma produção em torno de 12% superior à safra passada, o que representa um volume de aproximadamente 10 mil toneladas a mais de feijão 1ª safra. Em relação à produtividade, foi uma safra muito boa, com um rendimento médio 18% superior em relação à safra passada. Comparada com a safra anterior, houve aumento de 30 sacas/ha para cerca de 34 sacas/ha no feijão 1ª safra.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	781	804	1030	717	722	1007	-8	-10	-2
Canoinhas	4250	7581	1784	4710	8400	1783	11	11	0
Chapecó	2636	4138	1570	2248	3582	1593	-15	-13	1
Concórdia	39	44	1128	64	98	1523	64	122	35
Criciúma	3048	3742	1228	3377	3813	1129	11	2	-8
Ituporanga	1405	2993	2130	1465	2168	1480	4	-28	-31
Rio do Sul	809	1460	1805	629	942	1498	-22	-35	-17
São Bento do Sul	80	96	1200	220	264	1200	175	175	0
São M. do Oeste	1540	2673	1736	2870	4742	1652	86	77	-5
Tubarão	1591	1858	1168	1490	1599	1073	-6	-14	-8
Xanxerê	9020	18492	2050	9220	18207	1975	2	-2	-4
Santa Catarina	25199	43881	1741	27010	44536	1649	7	1	-5

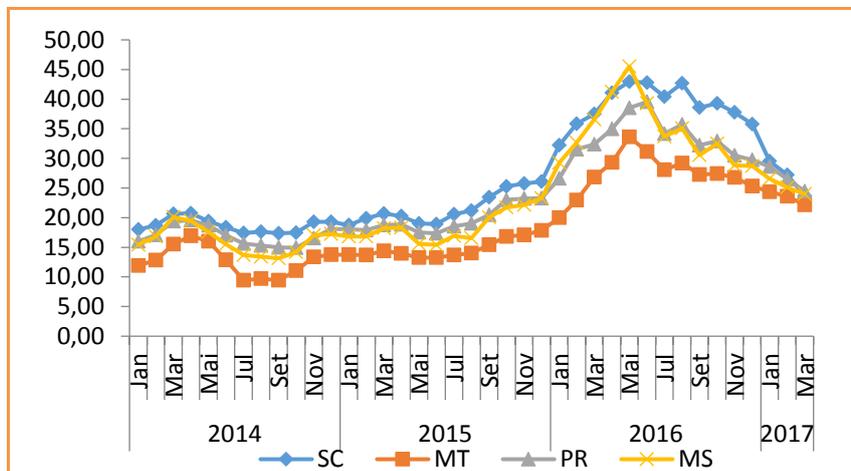
Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Março/2017).

Com aproximadamente 98% da área destinada ao plantio do feijão 2ª safra 2016/17 já semeados, nossa estimativa atual é de que teremos um aumento em área plantada de cerca de 7% em relação à safra passada, número que representa uma incorporação de cerca de 2 mil hectares na atividade feijão 2ª safra. Em relação à produção, pequeno aumento de 1%. Até o último dia 8 de abril, nossos levantamentos apontavam para um percentual de cerca de 24% da área plantada em fase de floração, nessa fase do desenvolvimento da cultura, o que preocupa os produtores são as baixas temperaturas, condição climática que pode interferir no desenvolvimento da cultura, uma vez que ela é relativamente sensível a baixas temperaturas. Abaixo fotos da fase de florescimento do feijão 2ª safra na região de São Miguel do Oeste.



Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

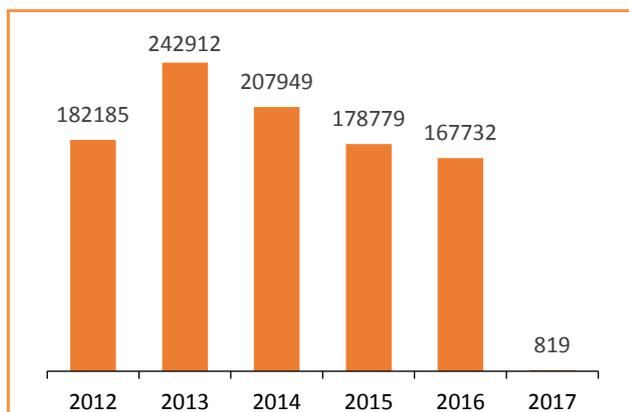


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017

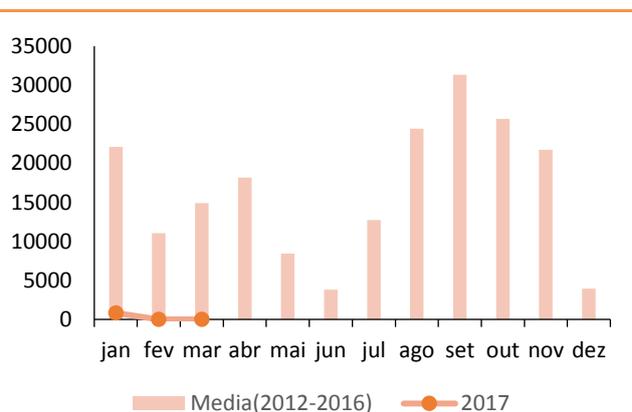
Os preços do milho grão em março de 2017 continuaram a trajetória de queda observada desde meados de 2016, fechando em R\$23,66 na Praça de Chapecó, considerada praça de referência para o Estado no mercado de milho. Nos principais estados produtores, Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul, observou-se a mesma tendência com preços atingindo a marca de R\$22,60, R\$24,47 e R\$23,98, respectivamente. A safra expressiva do grão, projetada em 2016/17 para aproximadamente 92 milhões de toneladas no Brasil, segundo

dados do IBGE (LSPA) e 1.053,8 milhões de toneladas no mundo, conforme divulgado pelo Usda em seu último relatório, é um dos motivos para a redução nos preços. Ademais, o mercado externo desaquecido com seguidas variações negativas na CBOT em resposta ao aumento dos estoques divulgado pelo Usda, resulta em maior oferta interna do grão e, conseqüentemente, redução dos preços. Santa Catarina, embora represente um mercado pouco expressivo no que se refere ao mercado externo, não registrou exportações nos últimos dois meses. Comparativamente à média observada nos últimos cinco anos, esse comportamento é atípico, principalmente quando se considera as exportações do ano de 2016, a qual, tendo como cenário preços elevados no mercado externo e perdas observadas na safra, apresentou médias mensais de exportação significativas no Estado, totalizando 168 mil toneladas comercializadas externamente no ano.



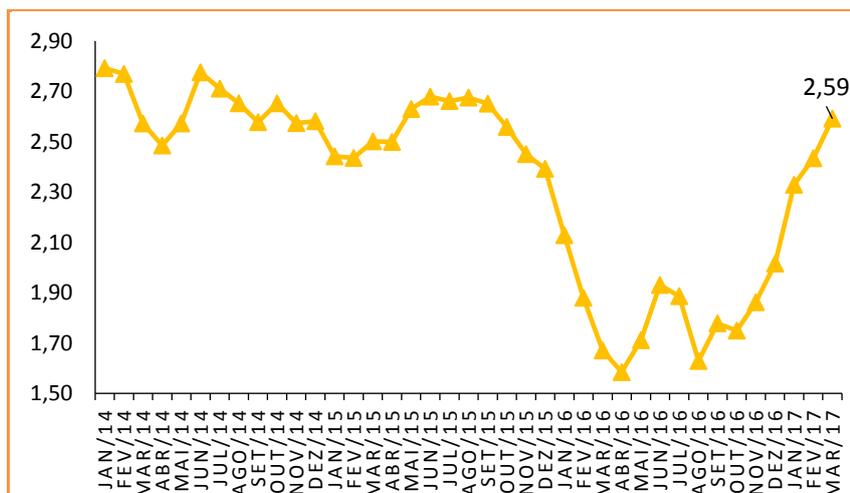
Fonte: Secex/MDIC

Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012-2016) – em toneladas



Fonte: Secex/MDIC

Exportações mensais catarinenses de milho em grão e sementeira – em toneladas



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

A desvalorização dos preços do grão nos últimos meses também foi observada nos preços da soja, principal concorrente em área no Estado. No entanto, enquanto de fevereiro para março o preço do milho caiu 13,08%, o preço da soja variou -7,46%, resultando em uma equivalência de preços de 2,59, favorável ao produtor de soja no mês de março de 2017; Em Santa Catarina equivalências de preços de milho e soja acima de 2,3, considerando os custos de produção e rentabilidade, são favoráveis ao sojicultor. Essa expectativa de safra abundante e

redução nos preços traz preocupações para o produtor que, embora tenha alcançado boas produtividades na safra, tem visto seu endividamento aumentar nos últimos anos e convive com uma expectativa de preços ainda mais baixos, o que pode resultar em custos não cobertos. Se por um lado a queda nos preços do grão prejudica o produtor de milho, por outro favorece a produção de proteína animal. Cerca de 75% da ração animal é composta de milho, de forma que a queda no preço do milho reduz significativamente o custo de produção da proteína animal.

Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7516	40135	5340	8048	32781	4073	7,08	-18,32	-23,72
Blumenau	1673	6400	3825	1567	5967	3808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35500	233622	6581	35310	260946	7390	-0,54	11,70	12,30
Canoinhas	30500	266270	8730	32100	304670	9491	5,25	14,42	8,72
Chapecó	61314	530621	8654	63499	603620	9506	3,56	13,76	9,84
Concórdia	31140	211666	6797	26180	212958	8134	-15,93	0,61	19,67
Criciúma	7833	47141	6018	8226	48648	5914	5,02	3,20	-1,73
Curitibanos	19848	182149	9177	21608	225343	10429	8,87	23,71	13,64
Florianópolis	619	2299	3714	619	2299	3714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3685	53	196	3698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10080	61600	6111	11120	78125	7026	10,32	26,83	14,96
Joaçaba	55552	443751	7988	59684	595421	9976	7,44	34,18	24,89
Joinville	390	1284	3292	340	1160	3412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19450	111432	5729	20930	129932	6208	7,61	16,60	8,36
São Bento do Sul	5500	44750	8136	5000	35200	7040	-9,09	-21,34	-13,47
São Miguel do Oeste	45640	282792	6196	48310	383958	7948	5,85	35,77	28,27
Tabuleiro	3505	11968	3415	3457	11801	3414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1690	6237	3691	1705	6764	3967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6381	37431	5866	5595	27171	4856	-12,32	-27,41	-17,21
Xanxerê	23500	207534	8831	27300	271116	9931	16,17	30,64	12,45
Santa Catarina	367685	2729281	7423	380651	3238075	8507	3,53	18,64	14,60

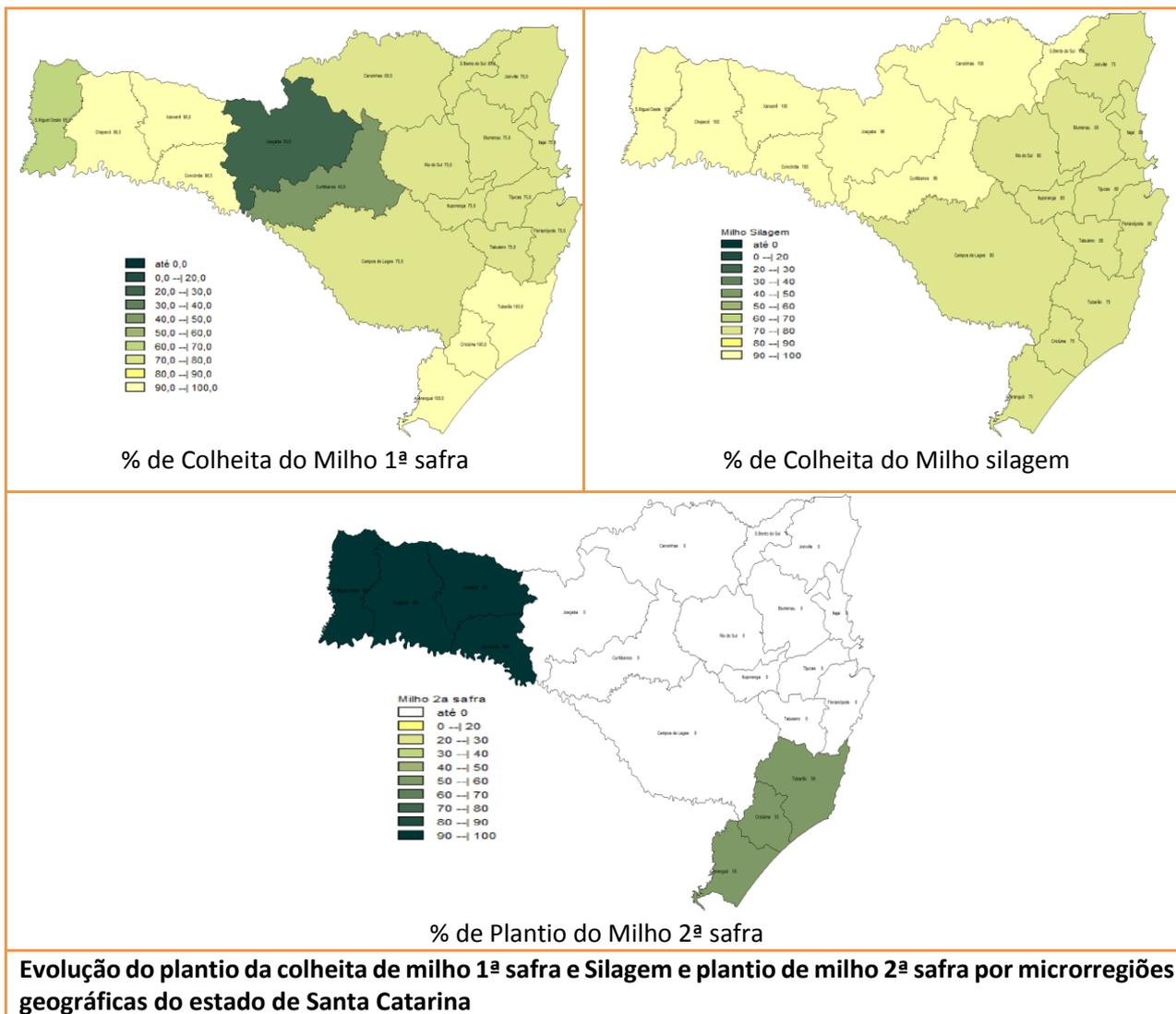
Fonte: Epagri/Cepa.

Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4870	156845	32206	4937	159360	32279	1,38	1,60	0,22
Blumenau	1797	69865	38879	1824	70895	38868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5320	220250	41400	5110	249750	48875	-3,95	13,39	18,05
Canoinhas	3800	140000	36842	4150	163000	39277	9,21	16,43	6,61
Chapecó	58800	2416709	41100	57100	2517700	44093	-2,89	4,18	7,28
Concórdia	18280	737800	40361	26530	970400	36577	45,13	31,53	-9,37
Criciúma	3574	141177	39501	3708	146450	39496	3,75	3,74	-0,01
Curitibanos	2550	99680	39090	2550	138450	54294	0,00	38,89	38,89
Florianópolis	326	13510	41442	331	13700	41390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1800	30000	61	1827	29951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2580	108800	42171	2350	95000	40426	-8,91	-12,68	-4,14
Joaçaba	15100	661100	43781	15520	922650	59449	2,78	39,56	35,79
Rio do Sul	14830	527010	35537	14680	542550	36958	-1,01	2,95	4,00
São Bento do Sul				610	34900	57213			
São Miguel do Oeste	47190	1613840	34199	45870	1750700	38167	-2,80	8,48	11,60
Tabuleiro	1320	70950	53750	1339	71998	53770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2470	71020	28753	2506	72050	28751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10596	390870	36888	10719	366734	34213	1,16	-6,17	-7,25
Xanxerê	17120	749300	43768	16620	798700	48057	-2,92	6,59	9,80
Santa Catarina	210583	8190526	38895	216515	9086814	41969	2,82	10,94	7,90

Fonte: Epagri/Cepa.

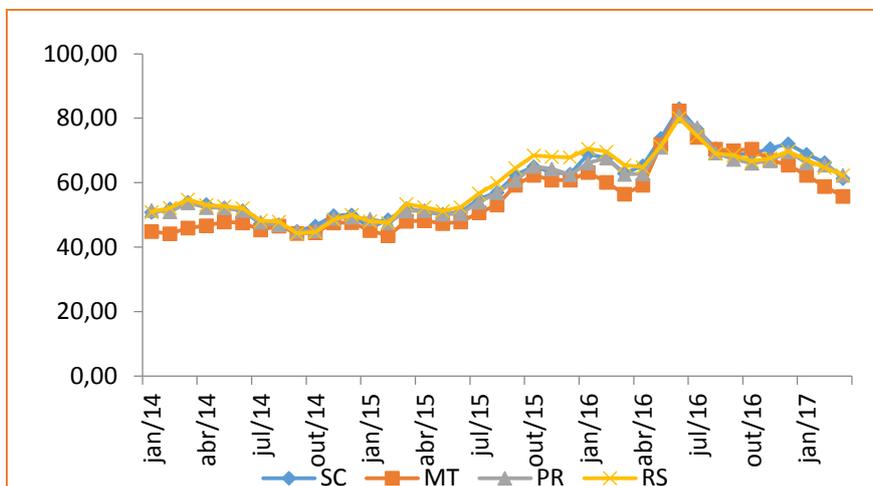
A estimativa atual da safra de milho no Estado para 2016/17 aponta para uma variação de 3,53% em relação à safra anterior, um pouco menor que o relatório apresentado no último mês. Isso porque a expectativa do milho 2ª safra ficou um pouco abaixo do esperado. A produção por outro lado teve sua expectativa elevada em relação ao último relatório, levando-se em conta os ganhos de produtividade observados no campo (variação de 14,6% em relação à 2015/16), totalizando um aumento de 18,64% em relação à safra anterior. As condições climáticas favoráveis para produção do milho 1ª safra e a expectativa de que o milho 2ª safra também apresente uma boa condição de lavoura tem resultado em tais variações positivas. Dessa forma, a estimativa de produção do grão no estado até o momento é de 3,238 milhões de toneladas, em uma área total de 381 mil hectares e produtividade média de 8,5 toneladas por hectare. Embora esse valor não seja suficiente para sanar a necessidade do Estado (cerca de 6 milhões de toneladas atualmente), o aumento da oferta reduz a necessidade de demanda externa e reduz os custos da indústria. O milho destinado à produção de silagem também apresentou crescimento em relação ao ano safra anterior. Observa-se incremento de 2,82% na área plantada e 10,94% na produção, resultando em 216 mil hectares e 9,08 milhões de toneladas.

Até o dia 1º de abril de 2017, cerca de 73% do milho plantado na 1ª safra e cerca de 95% da área de milho silagem já haviam sido colhidos no Estado. Para o milho 2ª safra, aproximadamente 92% da área já havia sido plantada.



Soja

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

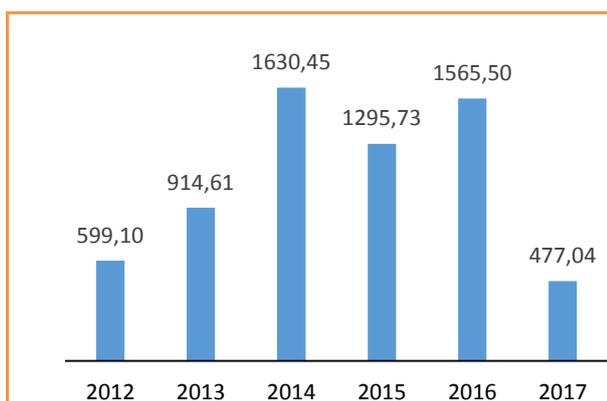


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – 2014 a 2017

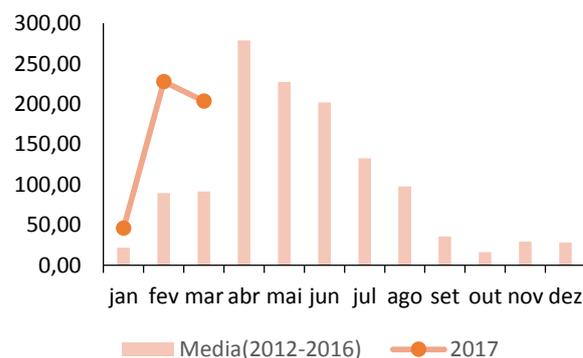
Os preços da soja em março de 2017 seguiram trajetória de queda observada desde meados de 2016. Em Santa Catarina o preço médio da região de Chapecó (praça referência para preços ao produtor de soja) fechou em R\$61,31, -7,46% em relação ao mês anterior e -2,61% em relação ao mesmo período do ano passado. No que se refere aos preços nos principais produtores da oleaginosa, observa-se que eles também apresentaram queda nos últimos meses. Em Mato Grosso os preços fecharam em R\$55,73, enquanto nos estados do Paraná

e Rio Grande do Sul os preços fecharam, respectivamente, em R\$ 62,33 e R\$62,29 a saca de 60kg. As condições climáticas favoráveis observadas em quase todas as regiões produtoras permitiram que boas produtividades fossem observadas em todo o País, cuja expectativa é de uma safra de aproximadamente 110 milhões de toneladas para 2016/17 (segundo dados do IBGE – LSPA). Ademais, a safra mundial estimada pelo USDA também foi ajustada para 345,9 milhões de toneladas no último relatório divulgado. Esse aumento de oferta mundial e, em especial, no Brasil, resulta em redução dos preços, embora o avanço mais lento da comercialização no Brasil venha evitando uma queda ainda mais brusca nos preços.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

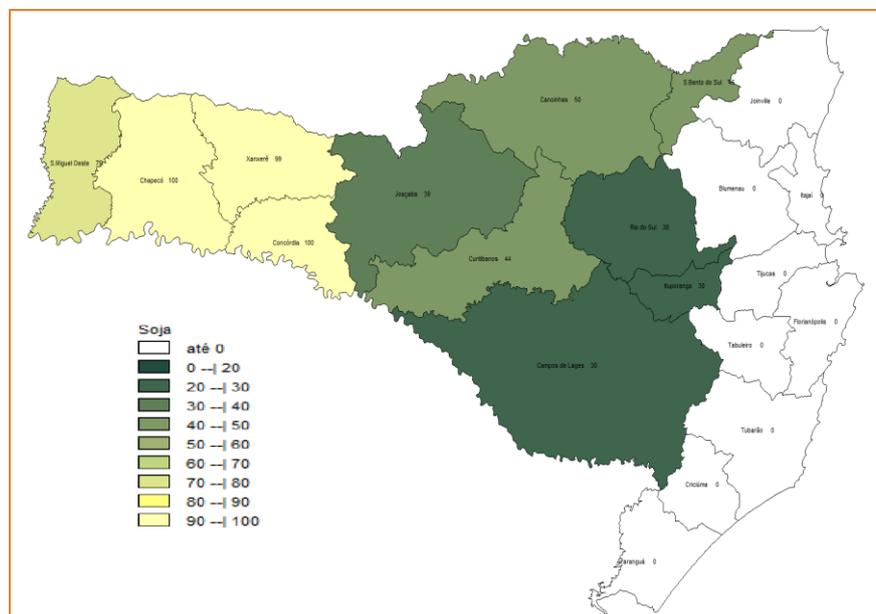
Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas

As exportações catarinenses também têm se mostrado acima da média mensal dos últimos cinco anos. Entre janeiro e março de 2017, foram exportadas 477,04 mil toneladas de soja em grão e para semeadura. Esse volume equivale a 30,5% do total exportado em todo o ano de 2016. Analisando as exportações mensais, observa-se que em março foram exportadas 203,46 mil toneladas, cerca de 2,2 vezes o volume médio exportado nesse mês nos últimos cinco anos. Esse aumento das exportações observado no mês de março, que também ocorreu nos meses anteriores, deverá ser observado nos próximos meses, haja vista que o cumprimento dos contratos fechados ainda em 2016 avança com a entrada do grão colhido da safra 2016/17.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60430	201440	3333	59700	197690	3311	-1,21	-1,86	-0,66
Canoinhas	133320	456456	3424	131600	501870	3814	-1,29	9,95	11,39
Chapecó	91575	262779	2870	90110	283945	3151	-1,60	8,05	9,81
Concórdia	4235	13290	3138	5805	20774	3579	37,07	56,31	14,03
Curitibanos	103645	358894	3463	107180	441663	4121	3,41	23,06	19,00
Ituporanga	6350	21265	3349	7690	27746	3608	21,10	30,48	7,74
Joaçaba	57905	207558	3584	57010	223919	3928	-1,55	7,88	9,58
Rio do Sul	3375	10941	3242	3935	13589	3453	16,59	24,20	6,53
São B. do Sul	10400	34320	3300	15000	49900	3327	44,23	45,40	0,81
S. M. do Oeste	36270	108882	3002	35970	108938	3029	-0,83	0,05	0,89
Xanxerê	140000	448763	3205	138650	489143	3528	-0,96	9,00	10,06
Santa Catarina	647505	2124588	3281	652650	2359177	3615	0,79	11,04	10,17

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

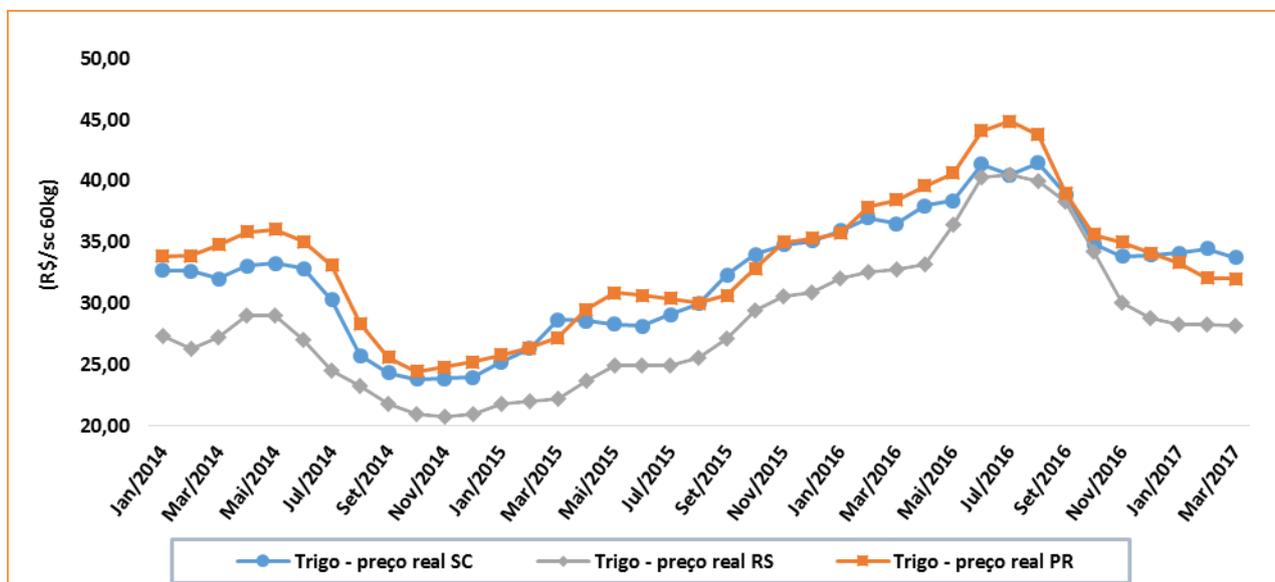
ESoja – Percentual de colheita da soja por microrregiões geográficas do estado de Santa Catarina

Em Santa Catarina a produção esperada para a safra 2016/17 é de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 652 mil hectares. Essa estimativa foi revisada em relação ao último relatório e aponta para um crescimento de área de 0,79% em relação à safra anterior. As condições climáticas favoráveis e homogêneas em grande parte da área produtiva do Estado resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 10% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade resultou em produção 11% maior em relação à safra anterior. Atualmente cerca de 65% da área plantada de

soja em Santa Catarina já foi colhida e segue confirmando a expectativa de uma safra expressiva para este ano.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (RS e PR).

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – SC, PR e RS (Jan./2014 a Mar./2017)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (Março/2017 = base 100).

O preço do trigo em grão pago ao produtor em Santa Catarina continuou a cair em março e, na comparação com o mês de fevereiro a redução foi de 1,7%. O preço pago pela saca de 60kg foi de R\$33,75, contra R\$34,33 pago no mês de fevereiro. Esse preço está bem abaixo do preço mínimo fixado pelo Governo Federal, que é de R\$38,65/saca de 60kg, diferença de 14,5% em relação ao preço de comercialização praticado no mercado. Com estoques mundiais em alta, superando as estimativas do início da safra, baixa demanda doméstica e farta oferta de trigo proveniente dos países do Mercosul, o cenário a curto prazo não é dos melhores. Muitos produtores estão reavaliando seu planejamento de safra e é possível que ocorra uma redução na intenção de plantio para a safra 2017/2018. No Paraná, com início de plantio previsto para abril, tricultores estão bastante cautelosos, mesmo com a Conab intervindo no mercado disponibilizando leilões de Prêmio para o escoamento da produção (PEP) e do Prêmio equalizado pago ao produtor rural (PEPRO), ação que tem se demonstrado pouco eficaz e insuficiente para influenciar nos preços do mercado nacional do cereal. Em Santa Catarina, com as operações de semeadura previstas para iniciar a partir de maio, a expectativa é de que ocorra redução na área plantada de trigo.

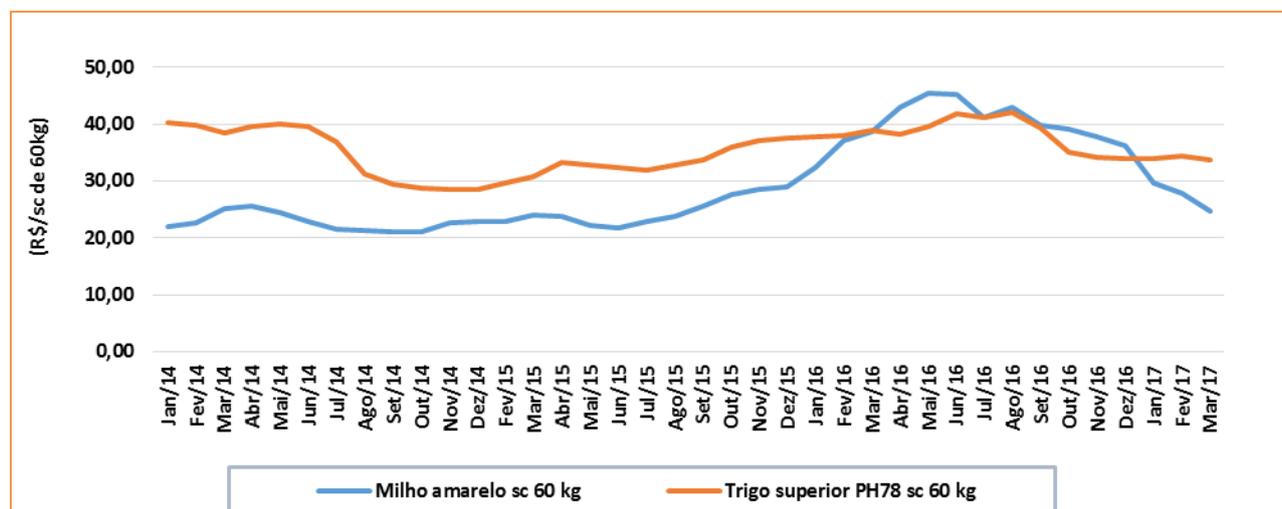
Para os próximos meses, espera-se que os moinhos voltem a fazer compras expressivas a fim de recompor seus estoques. Nesse sentido, a preferência por aquisição de trigo nacional ou argentino passa necessariamente pela cotação do dólar, já que a safra 2016/17 foi de excelente qualidade em todos os países do Mercosul e, por isso, em termos de qualidade de grãos colhido, não há porque dar preferência ao trigo importado. Outro aspecto a ser considerado na decisão do produtor em optar pelo plantio do trigo, é o crescente aumento da área plantada e da produção na Argentina, que nesta safra foram de 45% e 63%, respectivamente.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg

Estado	Fev./17	Mar./17	Varição (%)
Santa Catarina	34,33	33,75	-1,69
Paraná	31,95	32,05	0,31
Rio Grande do Sul	28,15	28,23	0,28
Goiás	31,50	31,08	-1,33
Minas Gerais	49,70	48,58	-2,25
Mato Grosso do Sul	31,25	30,80	-1,44

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (PR, RS, GO, MG e MS).

No Paraná e no Rio Grande do Sul, o mercado de trigo permaneceu estável, com pequena redução nos preços pagos ao produtor. O preço médio pago ao produtor de trigo mineiro em março foi de R\$49,70 contra os R\$48,58 pagos em fevereiro, redução de cerca 2,25%. Já no estado de Goiás, segundo a Conab, os preços pagos aos agricultores daquele Estado recuaram. Em fevereiro o produtor goiano recebeu pela saca de 60kg de trigo, em média, R\$31,50 e, em março, o preço médio da saca fechou em R\$30,80.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Relação do preço médio mensal monimal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (Jan./2014 a Mar./2017)

Em Santa Catarina, o preço do milho está 27% abaixo do preço do trigo. Nos outros dois estados da Região Sul não foi diferente, segundo dados de preços agropecuários da Conab: no Paraná essa diferença é de menos 26% e no Rio Grande do Sul, a diferença é de menos 7,3 em favor do milho. Tal diferença de preços entre o milho e o trigo nos três estados do Sul não estimula a substituição de milho por trigo, assim como as fábricas de ração não tem nenhuma vantagem em substituir milho por trigo na aquisição para fabricação de ração animal.

Trigo Grão - Calendário de plantio e colheita do trigo da Região Sul do País

Estado	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
PR	xx	xx	xx			##	##	##	##	##	xx	xx
SC	xx	xx	xx						##	##	##	
RS	xx	xx	xx					##	##	##		

Legenda: (##) plantio, (xx) colheita.

Fonte: Conab, (adaptado pelo autor).

Em Santa Catarina os plantios de trigo iniciam a partir de junho, mas em alguns municípios do Oeste Catarinense é possível encontrar produtores semeando o cereal já em meados de maio. A colheita começa em outubro e vai até dezembro. Esse comportamento apresentado é apenas uma referência média, pois dependendo das condições climáticas que se apresentam a cada safra, esse comportamento pode ser modificado, com atraso ou antecipação das fases de plantio e/ou colheita.

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual safra 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1600	4520	2825	1700	6030	3547	6	33	26
Canoinhas	17380	26874	1546	14900	54474	3656	-14	103	136
Chapecó	18360	41612	2266	16610	46491	2799	-10	12	23
Concórdia	793	2091	2635	622	1742	2800	-22	-17	6
Curitibanos	11375	25080	2205	10648	44486	4178	-6	77	89
Ituporanga	1330	876	659	1585	4128	2604	19	371	295
Joaçaba	6580	14319	2176	4790	18590	3881	-27	30	78
Rio do Sul	500	659	1318	445	1045	2348	-11	59	78
São Bento do Sul	220	396	1800	250	843	3372	14	113	87
São M. do Oeste	5935	16892	2846	2295	7325	3192	-61	-57	12
Xanxerê	15645	41666	2663	15175	43719	2881	-3	5	8
Santa Catarina	79718	174985	2195	69020	228872	3316	-13	31	51

Fonte: Epagri/Cepa (março/2017).

Neste mês de março fizemos um pequeno ajuste nos números de área plantada, produção e rendimento, ajustando os números finais para a safra 2016/17 de trigo em Santa Catarina, com uma cobertura de praticamente 100% da área total de trigo cultivada no Estado. Os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que Santa Catarina deverá chegar a uma produtividade recorde em sua história, atingindo 3.316kg/ha de produtividade média em uma área de 69.020 hectares e alcançando uma produção de 228.872 toneladas do produto. Com uma “safra cheia”, espera-se uma produção 31% superior à safra 2015/16, quando alcançou 174.985 toneladas. Mesmo com uma área cultivada nesta safra 13% inferior à safra passada, é esperado um aumento de produtividade na ordem de 51%.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Alho: recuperação de preços em março anima produtores

Santa Catarina é o principal produtor nacional de alho, com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, cuja produção fora estimada em mais de 20 mil toneladas. As condições climáticas e o nível tecnológico das lavouras no Estado permitiram uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos. Essa condição permitiu a produtores e cooperativas enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização da safra.

Após o mês de fevereiro, quando já havia sinais de arrefecimento na comercialização de alho com ritmo mais baixo do que o esperado pelos produtores para aquele período, março foi marcado pelo aquecimento do mercado e pela melhoria dos preços ao produtor.

A comercialização da safra de alho catarinense já ultrapassou os 75% do volume produzido. O preço pago ao produtor atingiu no mês de março, de R\$3,50 a 5,50 por quilo acima da classe, dependendo da classificação, da qualidade do alho e dos demais componentes do preparo e acondicionamento do produto. O patamar alcançado pelos preços para o mês de março foi considerado positivo, como dito acima, e contribuiu para “aliviar” e superar algumas preocupações que, de certa forma, pairavam sobre produtores, cooperativas e técnicos que trabalham com a cultura do alho.

A partir do final do mês de abril pode ser possível que haja ainda alguma melhora nos preços aos produtores, que pode se estender até o mês julho, proporcionada pela diminuição da oferta de alhos no mercado nacional. Também colabora para esta possível melhora a entrada do alho “colorado” argentino que normalmente é vendido mais caro que os alhos de “semente chinesa” cultivados na Argentina. Além disso, a colheita de alho novo na China inicia em maio e o produto deve chegar no mercado brasileiro a partir do mês de agosto. De qualquer maneira, os produtores que ainda têm produto a ofertar devem acompanhar sistematicamente a dinâmica de mercado e, a partir daí tirar suas conclusões e decidir sobre venda de sua produção.

Em relação às importações, uma preocupação permanente dos produtores e da cadeia produtiva, o ano de 2017 apresenta queda no volume internalizado pelo mercado brasileiro. No primeiro trimestre de 2016, conforme a tabela abaixo, as importações foram de pouco mais de 50 mil toneladas a um custo pouco acima de 92 milhões de dólares. Comparativamente aos primeiros três meses de 2017, as importações brasileiras foram de 35.436,56 toneladas a um custo pouco superior de 87 milhões de dólares. Em relação ao volume importado a queda no período foi de 15.111 toneladas, o que significa uma redução de praticamente 30%. Por outro lado, o preço médio por quilo adquirido no primeiro trimestre de 2016 foi de U\$1,82/kg, contra U\$2,45/kg no primeiro trimestre de 2017, significando uma valorização de 34,61%. Essa conjuntura do mercado externo contribuiu para que os preços internos se mantivessem em patamares bastante positivos para o produto.

Importações de alho pelo Brasil - Primeiro Trimestre 2016 e Janeiro a março 2017

País	2016 (Jan-mar)		Janeiro/17		Fevereiro /17		Março/17	
	U\$S	Tonelada	U\$S	Tonelada	USS	Tonelada	U\$S	Tonelada
Argentina	64.135.671	26.698,98	24.910.912,00	9.788,30	20.261.267,00	8.491,48	28.694.812,00	11.579,20
Chile	3.441.565	693,78	2.576.26500	916,86	1.216.960,00	420,00	1.263.325,00	448,80
China	23.220.569	22.404,36	3.372.283,00	1.585,00	2.062.513,00	976,55	1.560.809,00	695,05
Taiwan	251.458	315,00	59.268,00	49,00	59.280,00	49,00	59.284,00	49,00
Espanha	159.265	115,50	110.980,00	42,00	56.838,00	21,00	00,00	00,00
Peru	1.033.521	321,00	573.632,00	227,70	139.619,00	48,00	66.900,00	24,00
Vietnã	28.841	00,00	28.841,00	25,98	00,00	00,00	00,00	00,00
Total	92.270.890	50.548,22	31.632.181,00	12.634,48	23.796.477,00	10.006,03	31.645.130,00	12.796,05

Fonte: Sistema Alice/MDIC.

Conforme a tabela acima, no primeiro trimestre do corrente ano, a Argentina teve participação de 84,26% no volume importado, seguido pela China com 9,19% do total. Os dois países, juntos, contribuem com 93,45% do volume importado no período. Os demais países participaram com pouco mais de 6% do total.

O desempenho da atual safra em Santa Catarina está sendo considerado bastante bom por produtores, cooperativas e técnicos da área. A qualidade do alho catarinense, a produção e a produtividade que, coincidentemente, aliaram-se ao mercado favorável, asseguraram desempenho econômico dentro das expectativas da cadeia produtiva, apontando um ambiente favorável e positivo à implantação da próxima safra em nosso estado. No próximo mês pretendemos trazer alguns elementos indicativos de projeção para a safra 2017/18 dessa importante cultura em solo catarinense.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola com mais de 20 mil hectares plantados. A safra de cebola catarinense de 2016/17 se desenvolveu em condições climáticas muito favoráveis. Tais condições, associadas ao uso intenso de tecnologias, apresentaram produção recorde, cujo volume deverá ultrapassar as 580 mil toneladas. Os produtores catarinenses alcançaram produtividades acima de 30t/ha e muitos chegaram a ultrapassar as 50t/ha. Esse comportamento da cultura ocorreu também nas principais regiões produtoras brasileiras fazendo com que o mercado esteja desde o final de 2016 com expressivo volume ofertado, trazendo consequências importantes, especialmente na queda de preço ao produtor. Essa queda de preços ao produtor permanece atualmente, apontando um quadro praticamente irreversível em termos de mercado para os produtores catarinenses, pois aproxima-se o final da comercialização da produção de nosso estado e, por outro lado, safras de outras regiões tradicionais logo chegarão ao mercado.

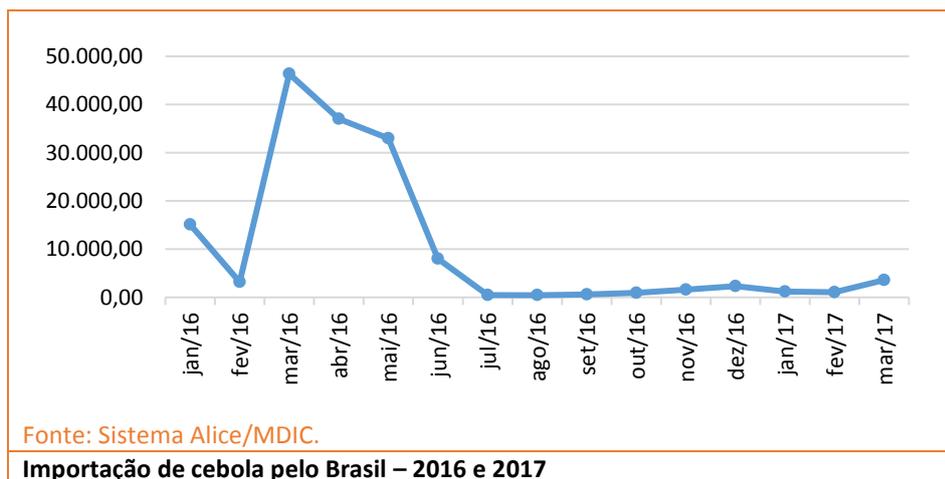
O preço ao produtor mantém oscilação entre R\$0,55 e R\$0,60 por quilo nas principais regiões produtoras de Santa Catarina para a cebola classe 3 a 5. Preço abaixo do custo de produção para a situação da produção catarinense. Dessa forma, confirma-se o que o setor da cadeia produtiva previa desde fevereiro, quando as perspectivas de melhoria nos preços eram muito remotas. Essa tendência deverá repercutir e afetar o próximo ano/safra da cultura, possivelmente com alguma redução na área plantada.

Concorrem para isso em primeiro plano o resultado econômico da atual safra e, em segundo lugar, a disponibilidade e o acesso ao crédito de custeio para a safra 2017/18, já que as reivindicações dos produtores estão sendo discutidas caso a caso no processo de negociação ou renegociação entre produtores e os agentes financeiros. Esse processo segue seu curso de rotinas estabelecidas pelos agentes financeiros e deve ser concluído antes do início dos preparativos da próxima safra.

A comercialização da safra da cebola catarinense já ultrapassou os 70% do volume produzido.

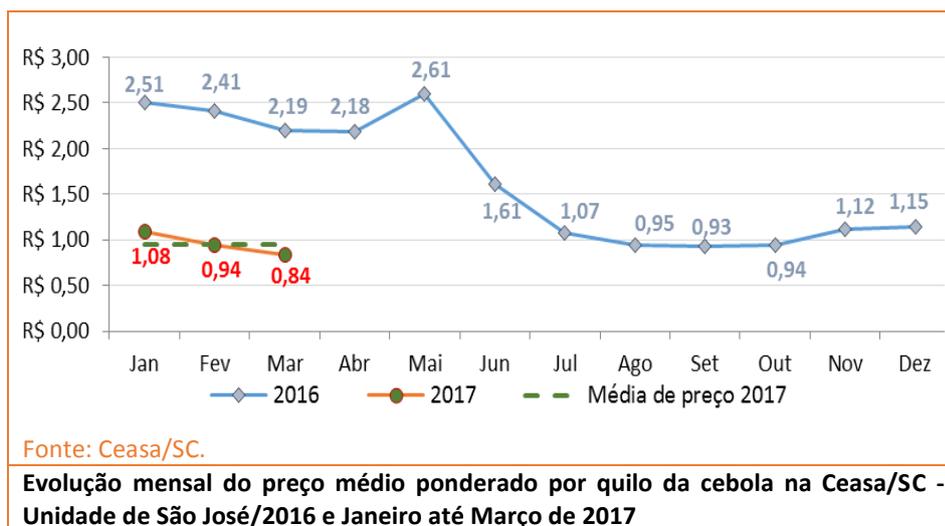
Em relação ao mercado de forma geral o quadro é de produção excepcional nas principais regiões e países produtores fazendo com que o mercado esteja com grande oferta do produto. Historicamente o mercado brasileiro é afetado pelas importações de cebola e, nos anos mais recentes, pelas importações oriundas da Holanda e dos Países Baixos. Contudo, desde o segundo semestre do ano passado, nota-se que há uma queda importante nas importações do produto para o Brasil. Isso posto, pode-se concluir que a queda dos preços ao produtor é decorrente da grande oferta do produto na atual safra.

No quadro a seguir apresentamos a evolução das importações de cebola para o Brasil, comparando, mês a mês, os anos de 2016 e 2017. As importações atingiram seu ápice, em 2016, no mês de março com mais de 46 mil toneladas e depois houve queda importante durante todo o segundo semestre do mesmo ano. Em 2017, embora no mês de março haja um pequeno crescimento, atingindo pouco menos de 5 mil toneladas, o volume de importação não chega a ser tão significativo para influenciar a relação oferta-demanda.



Importação de cebola pelo Brasil – 2016 e 2017

O mercado continua com volume de oferta alta ocasionado pela grande safra nas principais regiões produtoras. Pelo gráfico abaixo, percebe-se que os preços de atacado neste ano estão bem abaixo dos praticados em 2016. Além dessa constatação, o comportamento do mercado apresenta queda de preços de 22,22% de janeiro a março deste ano.



Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da cebola na Ceasa/SC - Unidade de São José/2016 e Janeiro até Março de 2017

A produção de cebola em Santa Catarina é uma cadeia econômica dinâmica e também inovadora em muitos aspectos, desde o manejo da cultura no campo, a intensificação das tecnologias que propiciem melhorias produtivas e de qualidade do produto ao consumidor. A cadeia produtiva obteve mais um marco histórico, patrocinado pela Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). No dia 24 de março, com a presença de produtores, diretores, técnicos, pesquisadores, autoridades e lideranças do setor, foi lançado no mercado um novo cultivar de cebola desenvolvido pela Estação Experimental de Ituporanga Epagri/EEItu). Foram mais de dez anos de pesquisas, estudos e análises para chegar na SCS373 Vallesul. O novo cultivar apresenta características agrônômicas e de mercado avaliadas como muito positivas e superiores em relação à maioria dos materiais existentes atualmente no mercado. A expectativa dos melhoristas que desenvolveram a pesquisa, dos técnicos e da própria empresa é de que nos próximos anos o cultivar atinja entre 20 e 30% da produção catarinense de cebola, contribuindo para a manutenção e a melhoria da competitividade do produto catarinense no mercado.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O dia 17 de março passado amanheceu sob o impacto de uma operação da Polícia Federal denominada “Carne Fraca”. Seu objetivo principal era desmontar supostos esquemas de corrupção envolvendo empresários do setor de carnes, funcionários de frigoríficos e servidores do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Apesar do escopo teoricamente delimitado, a forma como foi feita a divulgação, a carência de informações detalhadas e a repercussão na imprensa e nas redes sociais fizeram com que a operação viesse a ocasionar uma crise no setor de proporções ainda não totalmente conhecidas.

No âmbito dessa operação foram expedidos 37 mandados de prisão, além de diversos mandados de busca e apreensão e condução coercitiva. As ações atingiram de formas distintas 21 unidades industriais, 3 das quais foram imediatamente interditadas. Após a deflagração da operação, o Mapa suspendeu preventivamente as exportações oriundas das unidades investigadas e determinou a realização de auditorias em todas elas.

Apesar dessas medidas, nos dias que se seguiram diversos países anunciaram restrições à importação de carnes brasileiras, entre os quais se destacam importantes compradores, como China, Japão, Hong Kong, União Europeia, Egito, México, Chile, Arábia Saudita, Coreia do Sul, etc. Posteriormente, a maioria dos países suspendeu tais medidas.

Contudo, a suspensão das barreiras impostas na sequência da “Operação Carne Fraca” não significa a completa normalização do setor. A percepção das carnes brasileiras como produtos de qualidade e a abertura de inúmeros mercados são fruto de um longo processo, colocado em risco por conta dos questionamentos apresentados no decorrer da operação e suas repercussões.

O Boletim Agropecuário – Edição especial “Operação Carne Fraca”, publicado em 22 de março, apresenta informações mais detalhadas sobre a importância das carnes para a economia do Brasil e, principalmente, para o estado de Santa Catarina. Aos que tiverem interesse no tema, recomenda-se a leitura da referida publicação, disponível na página eletrônica da Epagri/Cepa (http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=4743).

O boletim supracitado também busca apontar alguns potenciais impactos da “Operação Carne Fraca” sobre o setor produtivo e sobre a economia do País. Conforme detalhado no referido documento, alguns especialistas da área econômica avaliavam que essa ação poderia afetar uma eventual recuperação do PIB. Determinados analistas chegaram a fazer projeções de perdas de até US\$3,5 bilhões (0,2% do PIB), caso os países que anunciaram a suspensão das importações mantivessem as restrições por longo prazo. Outros apontavam que ainda em 2017 as perdas poderiam ser de 10 a 20% do valor das exportações. Outra possível consequência destacada por alguns especialistas é a perda de espaço para outros competidores no mercado mundial de carnes.

Não obstante os efeitos sobre as exportações, o mercado interno também se constitui como preocupação, já que a repercussão negativa da operação poderia abalar a confiança do consumidor nos produtos e ocasionar reduções no consumo, impactando ainda mais um mercado que já vem sentindo os efeitos da crise econômica nos últimos dois anos.

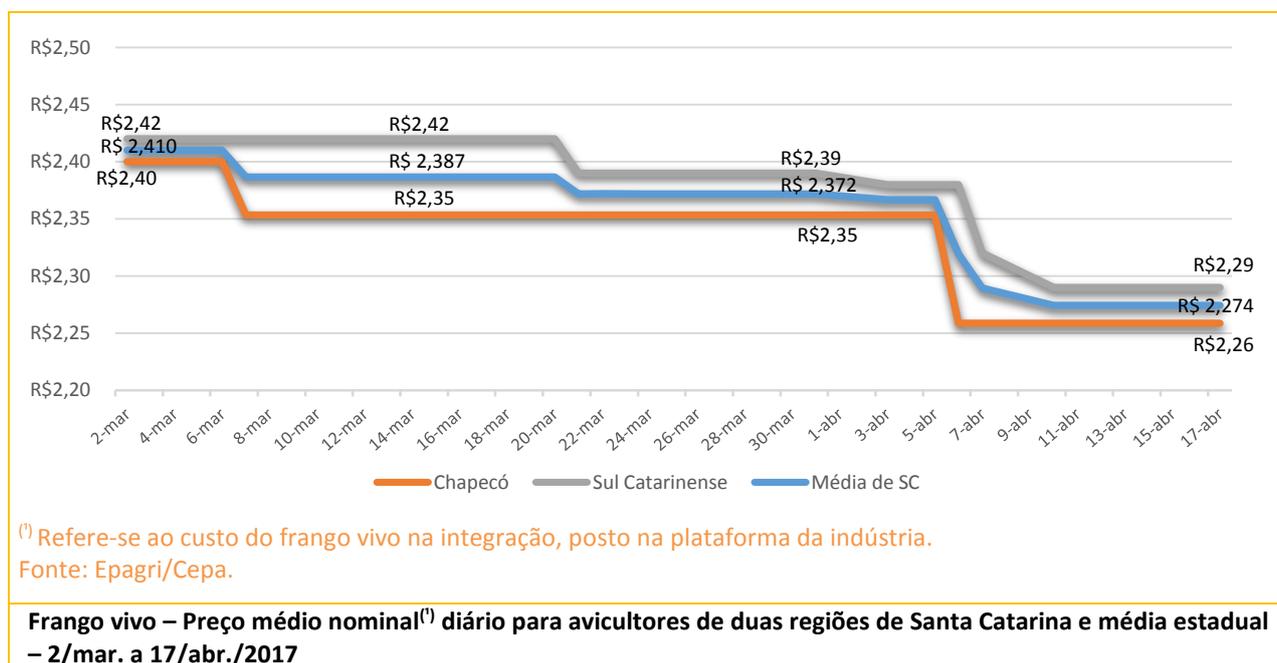
Qualquer que seja o prognóstico, a maioria dos especialistas admite que ainda é cedo para avaliar os reais impactos e desdobramentos dessa operação. O comportamento do mercado interno e das exportações nos próximos meses poderá fornecer elementos mais concretos sobre a amplitude e consequências desse processo.

Embora a maioria das ações da Polícia Federal tenha se concentrado no Paraná e Goiás, é inegável que os efeitos da “Operação Carne Fraca” podem impactar toda a cadeia produtiva do País, já que abalam a confiança no setor. Prova disso é que cerca de um mês após a operação já são registradas quedas nos preços ao produtor das principais espécies animais produzidas em Santa Catarina.

Os preços do frango vivo, por exemplo, mantiveram-se relativamente estáveis durante todo o ano de 2016, situação que perdurou nos dois meses iniciais de 2017. Nos primeiros dias de março observou-se uma queda nos preços pagos em Chapecó (praça de referência desse produto), que passaram de R\$2,41 para R\$2,35 (-1,95%). Tal variação possivelmente tem relação com a fraca demanda do mercado interno, tendo sido facilitada pela queda nos custos de produção em decorrência da oscilação negativa no preço do milho, como veremos adiante.

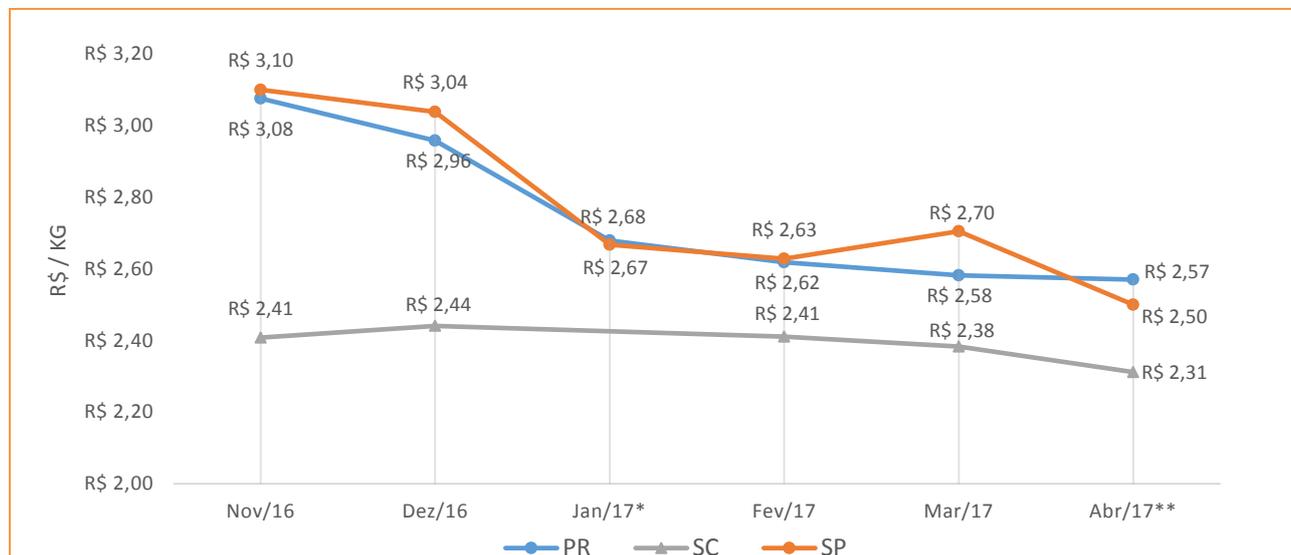
Na semana posterior à deflagração da “Operação Carne Fraca”, observou-se também uma pequena queda (-1,24%) no preço mais comum pago na região Sul Catarinense. Não é possível afirmar se essa variação já é consequência das incertezas que afetaram o setor após a operação ou de algum ajuste previamente programado.

Novas quedas, dessa vez mais expressivas, foram registradas no início de abril, conforme é possível perceber no gráfico abaixo. Em Chapecó a variação foi de -4,02% e no Sul Catarinense de -4,18%. A variação no preço médio diário estadual acumulada após o dia 17 de março foi de -4,71%.



Cenário semelhante foi observado em outros dois importantes estados produtores, Paraná e São Paulo. Conforme é possível perceber no gráfico seguinte, houve oscilações negativas nos três estados analisados. São Paulo e Paraná já haviam apresentado queda significativa entre novembro/2016 e janeiro/2017, decorrente de ajustes do mercado. Em março houve uma pequena recomposição de preços em São Paulo, chegando a se atingir o valor de R\$2,75/kg de frango vivo em meados daquele mês. Contudo, após a “Operação Carne Fraca”, observaram-se novamente oscilações negativas.

Em relação a março, o preço médio de abril (preliminar) apresenta uma variação de -7,56% em São Paulo, -3,01% em Santa Catarina e -0,46% no Paraná. Na comparação com abril de 2016, a situação também é de defasagem nos três casos: -7,41% em São Paulo, -5,60% em Santa Catarina e -0,74% no Paraná.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2017 em Santa Catarina.

** Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

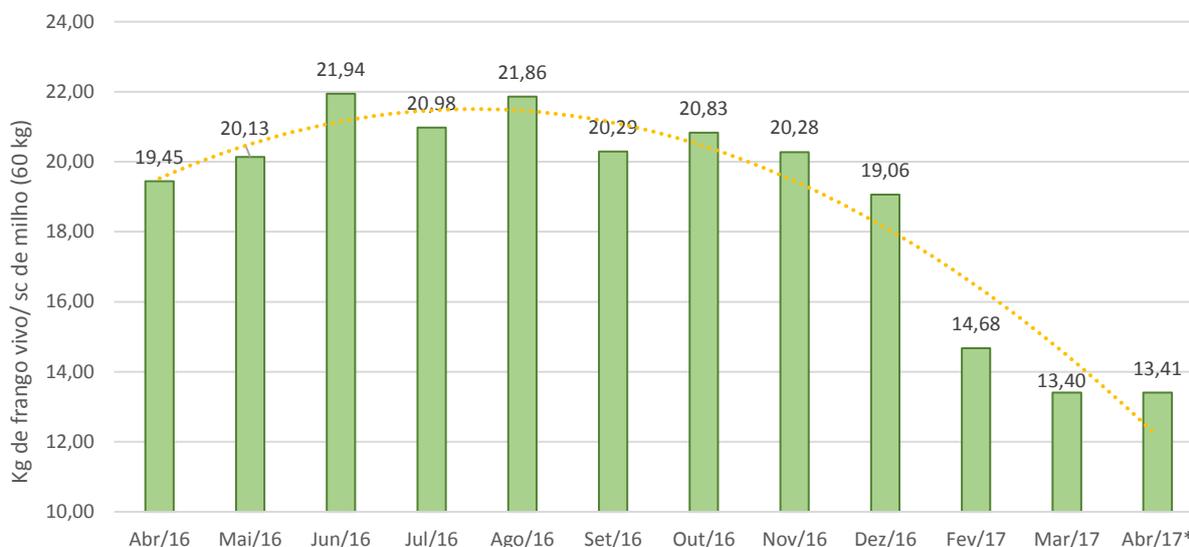
Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2016/2017

Por outro lado, a continuidade do movimento de queda no preço do milho fez com que os custos de produção do frango também caíssem no mês passado. De acordo com o Índice de Custos de Produção calculado pela Embrapa Suínos e Aves, em março o ICPFrango registrou queda de 4,39% em relação ao mês anterior. Nos últimos 12 meses a variação foi de -12,90%.

Diferentemente do que vinha ocorrendo desde outubro/2016, os dados preliminares da relação de troca insumo/produto demonstram que em abril há uma pequena oscilação positiva. De acordo com os cálculos da Epagri/Cepa, até o momento o índice atingiu o valor preliminar de 13,41, o que representa um aumento de 0,04% em relação a março. Contudo, na comparação com abril de 2016 o índice atual é 31,05% inferior.

Essa variação positiva é devida à queda no preço do frango vivo, conforme os números apresentados anteriormente. O milho, por sua vez, embora tenha tido variações menos abruptas nas últimas semanas, segue em movimento de queda. De acordo os dados da Epagri/Cepa, o preço médio preliminar de abril é 2,08% menor do que no mês anterior (milho no atacado, na praça de Chapecó/SC).



Para cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

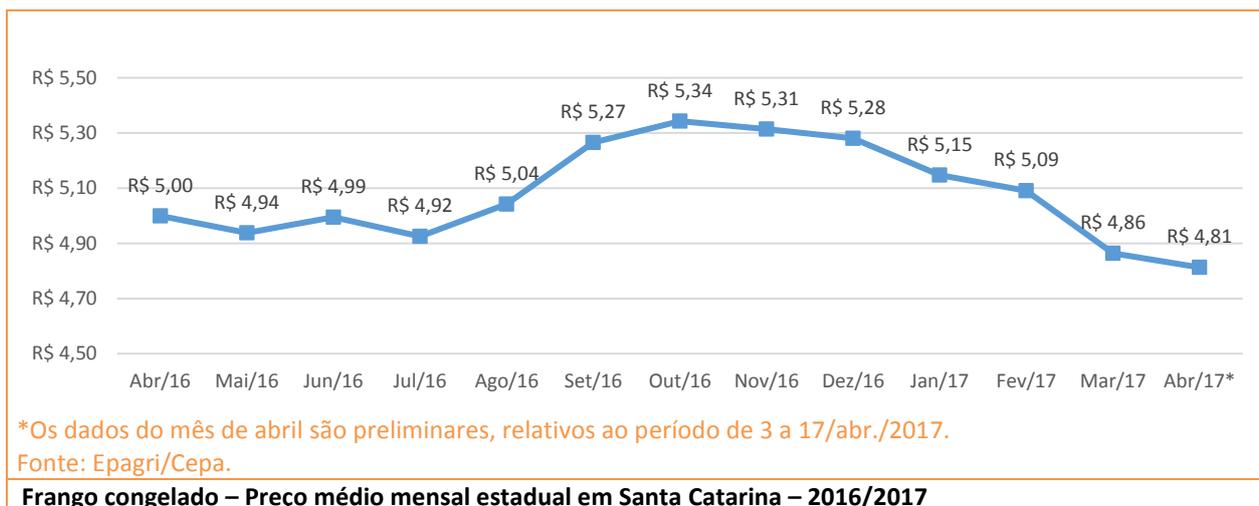
Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

Conforme o 7º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, elaborado pela Conab, a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 29,9 milhões de toneladas de milho, o que representa um incremento de 15,5% em relação ao ano anterior. No que diz respeito à 2ª safra, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 61,6 milhões de toneladas, um aumento de 51,45%. A produção total estimada é de 91,49 milhões de toneladas (aumento de 37,48% em relação à safra 2015/2016). Esse cenário indica uma boa disponibilidade de milho para o próximo período e, com isso, as perspectivas de manutenção dos atuais patamares de preços ou quedas são ainda mais significativas.

Embora ainda não haja informações precisas e abrangentes sobre o impacto da “Operação Carne Fraca” no consumo de carnes no Brasil, alguns relatos de entidades que representam empresas varejistas apontam para uma queda da procura por parte dos consumidores nas primeiras semanas após a operação. A retração no varejo se reflete no restante da cadeia produtiva, uma vez que supermercados e açougues diminuem suas aquisições, aguardando a estabilização do mercado. Outro efeito pode ser a redução dos preços das carnes no atacado e varejo, como forma de estimular o consumo.

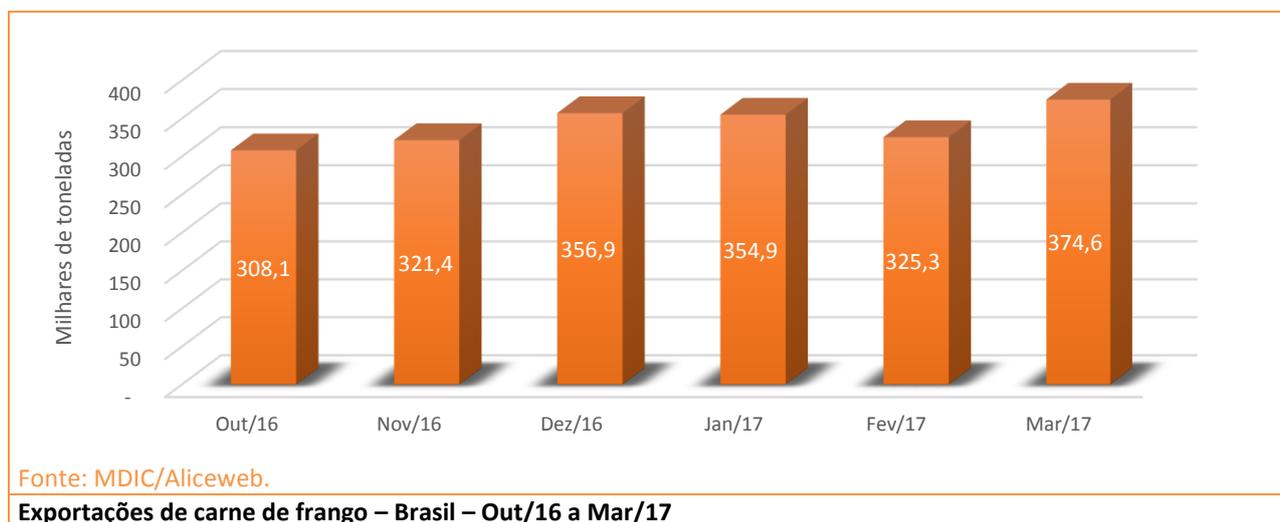
Os dados da Epagri/Cepa sobre preços de atacado em Santa Catarina demonstram que três dos quatro cortes de frango monitorados pelo órgão apresentaram queda no preço preliminar de abril em relação a março. A maior variação foi observada no preço médio estadual da coxa/sobrecoxa congelada, que caiu 4,00%. O único corte que apresentou alta foi o peito com osso congelado, com variação de 3,56% entre março e abril. Já o frango inteiro congelado sofreu queda de 1,07%.

Contudo, não é possível afirmar de forma categórica que essa redução nos preços da maioria dos cortes é consequência da “Operação Carne Fraca”, uma vez que o mercado já vinha sofrendo ajustes nos meses anteriores, conforme fica evidenciado no gráfico a seguir. No caso do frango inteiro congelado, a partir de outubro/2016, iniciou-se um movimento de queda, que persiste até o presente momento.



Uma das atividades impactadas de forma mais imediata pela “Operação Carne Fraca” foi a exportação. Conforme informações divulgadas pela imprensa, alguns dias após a deflagração da operação, chegou a se observar queda de 99% nos embarques, principalmente pelo “fechamento” (total ou parcial) do mercado nos principais importadores de carnes brasileiras. Com a reabertura da maioria desses mercados, aos poucos a situação foi sendo normalizada.

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em março o Brasil exportou 374,6 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), o que significa um aumento de 15,15% em relação a fevereiro. Contudo, quando comparado a março/2016, registra-se queda de 5,83%. É importante frisar que, conforme apontado no Boletim Agropecuário nº 46, o ritmo das exportações nas duas primeiras semanas de março (portanto, antes da deflagração da “Operação Carne Fraca”) já indicava uma redução de aproximadamente 5% na quantidade exportada nesse mês, em relação ao ano anterior.



As receitas atingiram US\$644,1 milhões em março, o que representa um aumento de 15,26% em relação a fevereiro e 11,74% na comparação com março de 2016. O valor das exportações acumulado no 1º trimestre foi de US\$1,80 bilhão, aumento de 22,05% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em termos de quantidade, nos três primeiros meses de 2017 foram exportadas 1,05 milhão de toneladas (+3,07%).

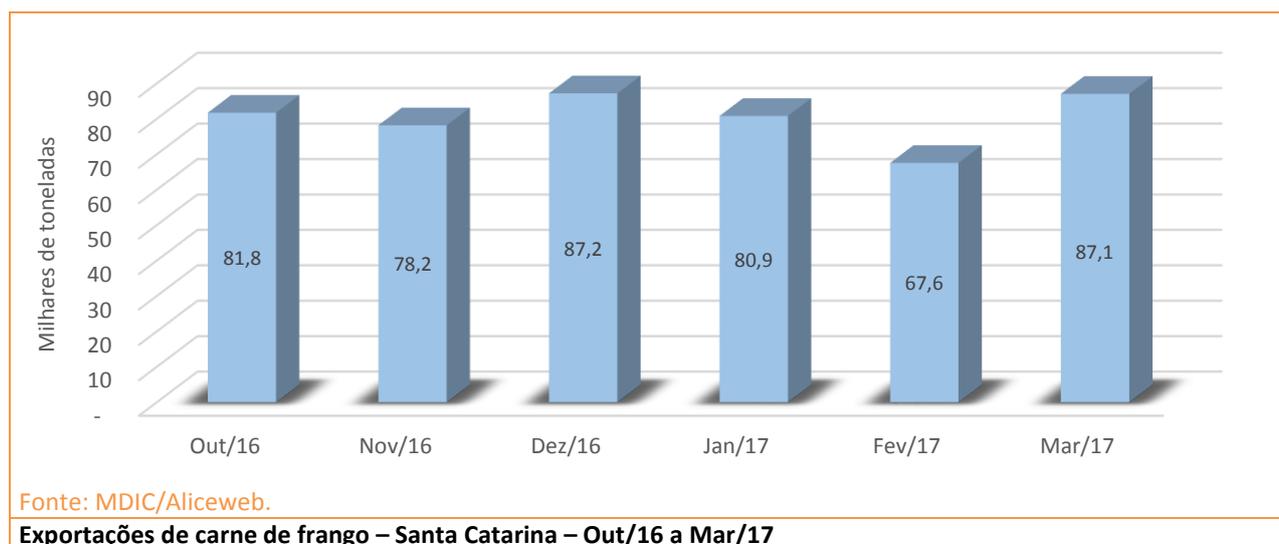
O valor médio da tonelada exportada em março foi de US\$1.719,46. Os principais destinos da carne de frango brasileira nesse mês foram a Arábia Saudita, o Japão e a China, que juntos responderam por 36,97% das receitas do País com esse produto.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Março/2017

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Arábia Saudita	99.873.307,00	56.290,1
Japão	77.136.679,00	37.552,6
China	61.118.382,00	31.915,6
Emirados Árabes Unidos	57.525.813,00	31.945,2
Países Baixos	33926.351,00	14.842,8
Demais países	314.568.066,00	202.076,9
Total	644.148.598,00	374.623,3

Fonte: MDIC/Aliceweb.

As exportações de Santa Catarina apresentaram comportamento semelhante ao cenário nacional. Em março o Estado exportou 87,11 mil toneladas de carne de frango, o que representa um aumento de 28,82% em relação a fevereiro. Contudo, na comparação com o mesmo mês de 2016, a queda é de 3,53%.



Em relação às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$165,6 milhões, o que representa um aumento de 33,29% em relação a fevereiro e de 15,74% na comparação com março de 2016.

O acumulado no 1º trimestre é de US\$435,5 milhões e 235,6 mil toneladas, aumento de 19,82% nas receitas e 0,89% na quantidade exportada, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os principais destinos da carne catarinense foram Japão, China, Arábia Saudita e Países Baixos, os quais, juntos, responderam por 43,59% das exportações do Estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Março/2017

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Japão	29.392.439,00	14.025,6
China	14.495.462,00	7.384,1
Arábia Saudita	14.198.771,00	8.472,1
Países Baixos	14.107.427,00	6.308,6
Emirados Árabes Unidos	10.767.825,00	5.261,1
Demais países	82.677.266,00	45.655,1
Total	165.639.190,00	87.106,5

Fonte: MDIC/Aliceweb.

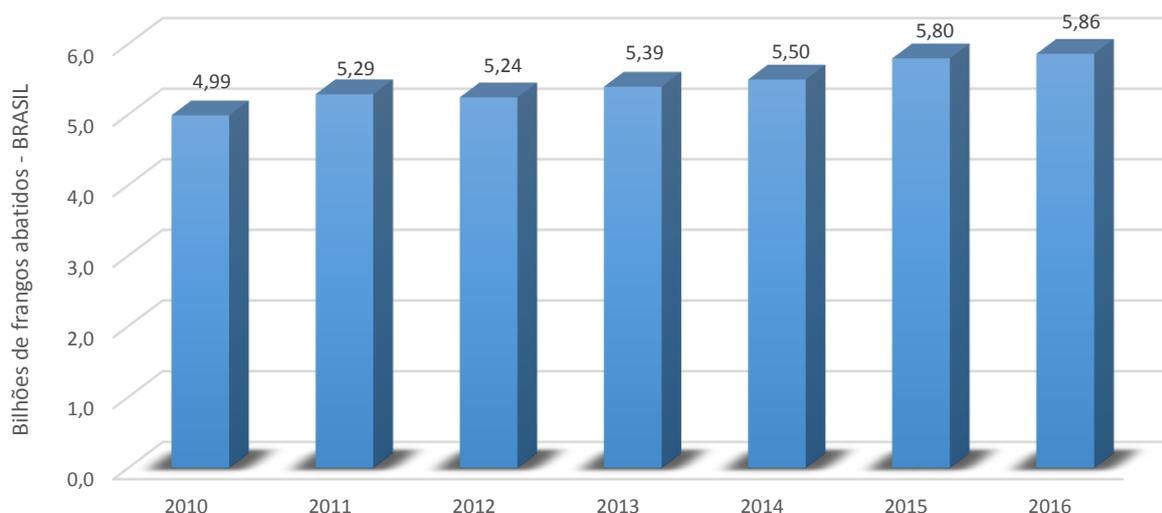
Assim como já havia ocorrido em fevereiro, em março novamente se observou queda nas exportações de carne de frango para a China em relação aos mesmos meses do ano passado. No boletim anterior já havíamos chamado a atenção para esse fato que, segundo analistas do Rabobank, era atribuído aos recentes casos de influenza aviária em humanos registrados naquele país, que resultaram na redução no consumo de carne de frango pelos chineses. Em relação às exportações catarinenses para a China, a quantidade embarcada em março deste ano é 29,85% menor do que o mesmo mês de 2016. As receitas, por sua vez, sofreram queda de 23,20%. Não é possível apontar com certeza se essa redução possui relação direta com a “Operação Carne Fraca” ou simplesmente é continuidade de um movimento de queda que já vinha em curso.

No início de abril, a Eslováquia informou ter detectado a presença da bactéria salmonela em amostras de carne brasileira, o que levou à suspensão das vendas dos produtos do Brasil naquele país. O produto que apresentou contaminação foi a carne congelada de peito de frango sem osso da Seara Alimentos, produzida pela Agrícola Jandelle, do Paraná. Embora ainda não haja avaliações sobre eventuais impactos da descoberta desse caso de contaminação, há o temor de que o mesmo venha a dificultar a retomada da normalidade das exportações, em especial para a União Europeia.

Apesar dos embargos temporários por parte de alguns países compradores em decorrência da “Operação Carne Fraca” e do caso de contaminação mencionado no parágrafo anterior, recentemente a imprensa especializada divulgou que a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) mantiveram suas projeções para o crescimento das exportações de carnes neste ano. Conforme as estimativas divulgadas no final de 2016, as exportações de carne de frango cresceriam entre 3 e 5% em 2017.

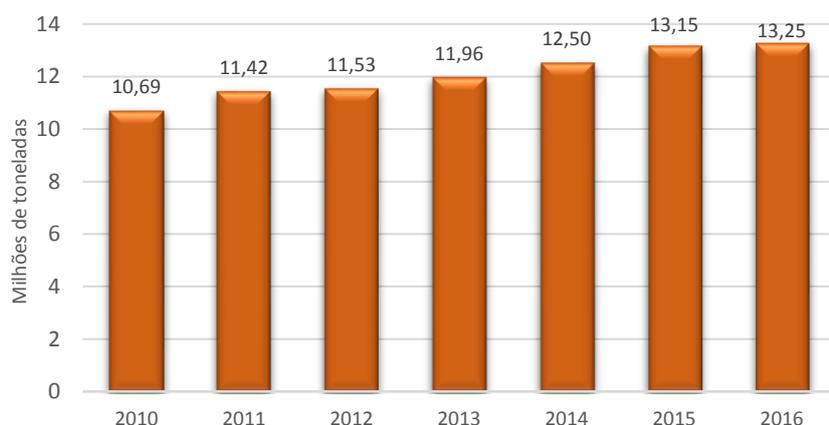
Contudo, de acordo com dados preliminares do MDIC, a média diária de carne de frango *in natura* exportada nas duas primeiras semanas de abril foi de 15,1 mil toneladas (por dia útil), uma redução de 20,3% em relação à média diária registrada no mesmo mês de 2016.

Recentemente o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre, o que permite analisar o desempenho da avicultura brasileira no decorrer do ano passado. Os dados demonstram que em 2016 foram abatidos no País um total de 5,86 bilhões de frangos, o que representa um aumento de 1,12% em relação ao ano anterior.



Fonte: IBGE (2017).

Quantidade de frangos abatidos por ano no Brasil (em bilhões de cabeças) – 2010 a 2016



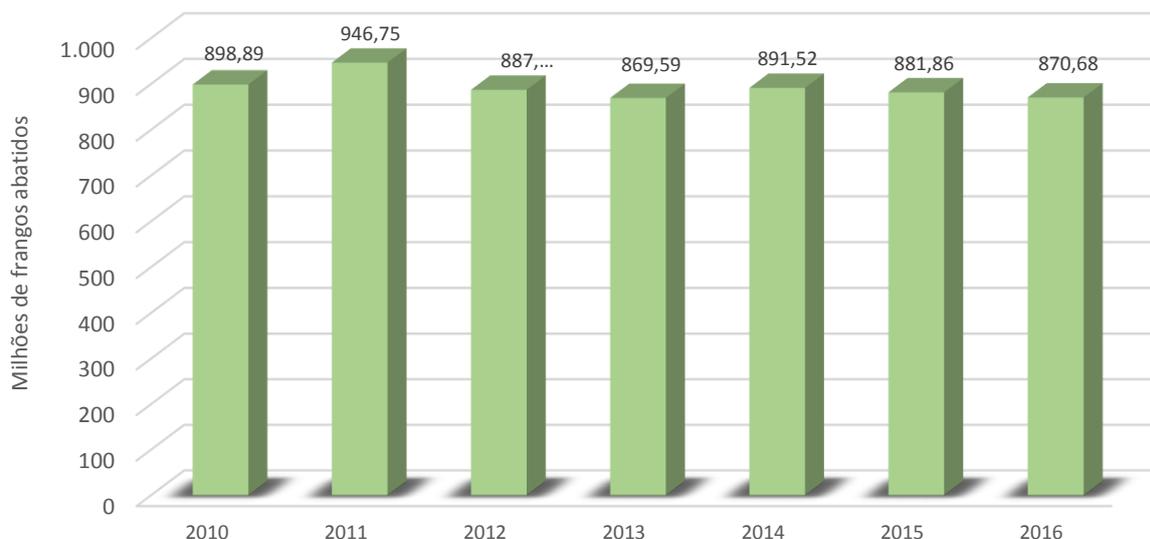
Fonte: IBGE (2016).

Produção de carne de frango no Brasil – peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2010 a 2016

Em termos de produção de carne, embora os números também sejam positivos, o crescimento é um pouco mais modesto, tendo atingido somente 0,77%. Segundo os dados do IBGE, em 2016 foram produzidas 13,25 milhões de toneladas de carcaça de frango. As variações distintas entre número de animais abatidos e peso total das carcaças demonstram que o peso médio de abate foi menor que no ano anterior. Dentre outras motivações, isso pode ter ocorrido em

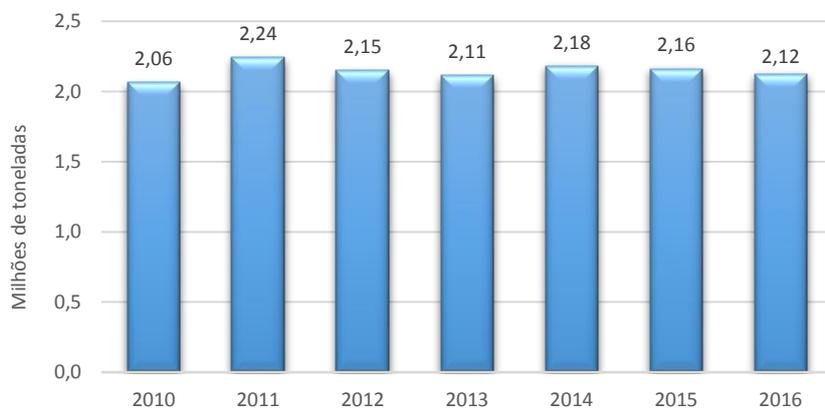
função da grande elevação no preço do milho durante o ano passado, o que provocou aumentos significativos nos custos e, em alguns casos, dificuldades de obtenção do produto. Com isso, alguns frigoríficos optaram por abater os animais mais precocemente e, por consequência, com menor peso.

Diferentemente do cenário nacional, Santa Catarina apresentou decréscimo no número de animais abatidos no ano passado. A queda foi de 1,27%, em grande parte concentrada no 1º semestre. Registra-se que em 2015 o Estado já havia apresentado números negativos.



Fonte: IBGE (2017).

Quantidade de frangos abatidos por ano em Santa Catarina (em milhões) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

Produção de carne de frango em Santa Catarina – peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2010 a 2016

Quanto à produção de carne de frango, os números do Estado também são negativos. Em 2016 Santa Catarina produziu 2,12 milhões de toneladas de carcaças de frango, o que representa uma redução de 1,81% em relação ao ano anterior.

Mais uma vez, é possível atribuir a queda na produção de carne de frango ao menor número de aves abatidas e à redução no peso médio de abate, o que está relacionado

à crise do milho ocorrida durante o ano passado.

Bovinocultura

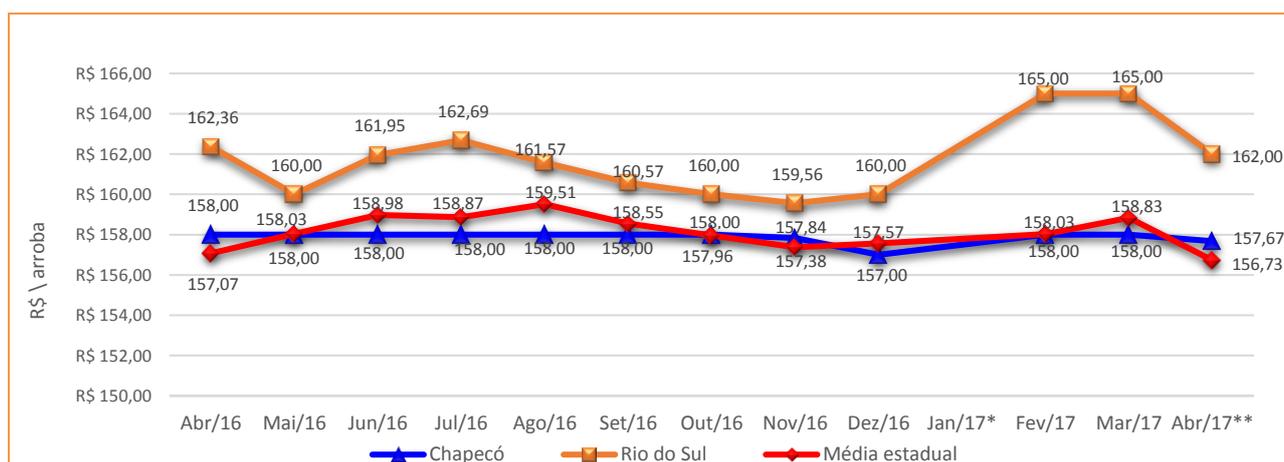
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Nos últimos 30 dias, as preocupações centrais do setor pecuário (produtores, agroindústrias, órgãos governamentais, entre outros) estavam relacionadas às possíveis consequências da “Operação Carne Fraca” sobre essas cadeias produtivas. Essa questão mereceu a atenção da maioria dos atores sociais envolvidos com esse segmento e ocupou amplos espaços na imprensa, principalmente na mídia especializada.

Buscando fornecer subsídios para qualificar as análises e contribuir no debate, a Epagri/Cepa elaborou uma publicação para tratar especificamente desse tema (Boletim Agropecuário – Edição especial “Operação Carne Fraca”, de 22 de março), a qual está disponível na página eletrônica do órgão (http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=4743). Algumas informações mais aprofundadas sobre essa questão também podem ser obtidas no presente boletim, na seção que trata de “Avicultura”.

Em termos nacionais, o mercado da carne bovina foi um dos mais afetados com a “Operação Carne Fraca”. Sintomas disso são as oscilações negativas dos preços pagos pelo boi gordo na maioria dos estados. Mesmo em Santa Catarina, onde os preços vinham se mantendo relativamente estáveis nos últimos meses, percebe-se a influência das incertezas que afetaram o mercado após o dia 17 de março (data em que a “Operação Carne Fraca” foi deflagrada).

Como é possível perceber no gráfico abaixo, em março registrou-se um pequeno aumento na média estadual (elaborada a partir dos preços de 6 praças distintas). Contudo, nos últimos dias daquele mês já se observava variações negativas nos preços diários de algumas praças, situação que se acentuou no início de abril. Nas duas praças de referência, Chapecó e Rio do Sul, ocorreram variações de -0,21% e -1,82% nos preços de abril em relação a março. A média estadual, por sua vez, variou -1,32% no período em questão. Das seis praças em que se realizou a coleta de preços do boi gordo no Estado, em cinco ocorreram variações negativas. A única exceção até o momento é Joaçaba.



(1) Para pagamento em 20 dias.

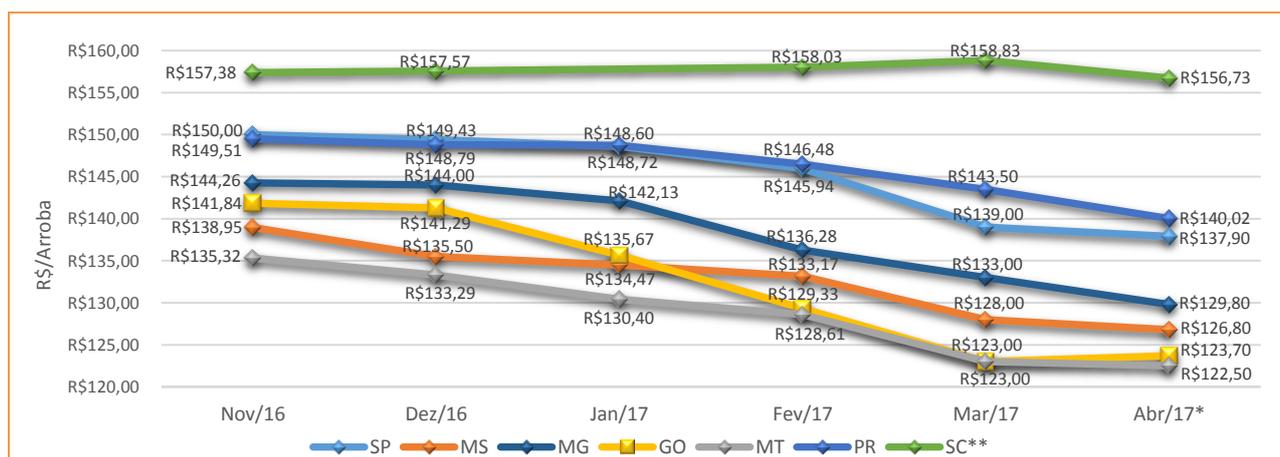
* Não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul para o mês de janeiro de 2017. Em função da ausência das praças de referência, optou-se por não utilizar o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

** Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

O comportamento do mercado do boi gordo em Santa Catarina não é muito distinto do que ocorreu nos demais estados. Conforme demonstrado no gráfico abaixo, dos sete estados analisados, seis apresentaram quedas nos preços médios preliminares de abril em relação a março: Paraná (-2,43%), Minas Gerais (-2,41%), Santa Catarina (-1,32%), Mato Grosso do Sul (-0,94%), São Paulo (-0,79%) e Mato Grosso (-0,41%). Goiás foi o único estado que apresentou variação positiva (0,57%). No entanto, a análise dos preços diários daquele estado demonstra que, após uma pequena alta na primeira semana de abril, a segunda semana foi marcada por novo movimento de queda no preço do boi gordo. Assim, caso essa tendência se mantenha, é provável que durante a segunda quinzena deste mês Goiás também passe a registrar índice negativo.



* Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

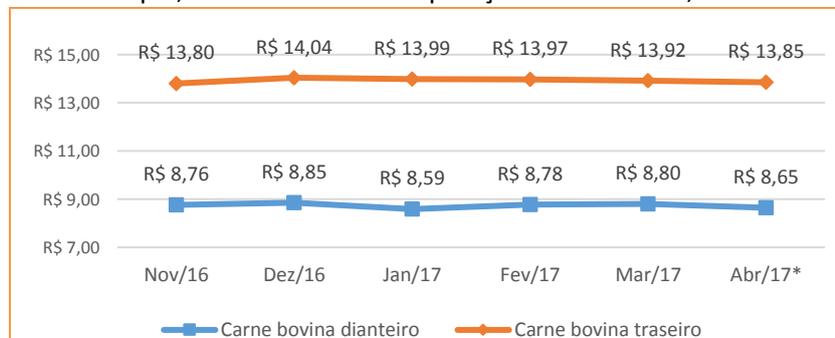
** Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾(2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016/2017

Ao comparar os preços do dia 17 de março com os de 17 de abril, verifica-se que as variações são maiores do que aquelas registradas pelas médias mensais: -6,77% em Mato Grosso do Sul, -6,25% em Mato Grosso, -5,88% em Minas Gerais, -5,52% em São Paulo e -5,43% em Goiás. No caso do Paraná, onde os preços do boi gordo são divulgados semanalmente, a diferença entre os valores da semana de 13 a 17 de março e 10 a 13 de abril é de -2,28%. Já em Santa Catarina, foi feita a comparação entre os preços de 13 de março e 17 de abril (uma vez que no período de 14 a 17 de março não há preços disponíveis para a maioria das praças), obtendo-se uma variação de -1,94%.

Ressalta-se que, mesmo antes da “Operação Carne Fraca”, o mercado do boi gordo já apresentava volumes



* Os dados do mês de abril são preliminares (período de 3 a 17/abr./2017).

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2016/2017

de negócios relativamente baixos e tendência de queda nos preços, em razão da situação econômica do País.

Com relação ao mercado atacadista, os dados da Epagri/Cepa demonstram que em Santa Catarina tanto os cortes dianteiros quanto os traseiros registraram quedas entre março e abril. No caso do dianteiro, a queda foi de 1,72%, enquanto o traseiro sofreu redução de 0,52%.

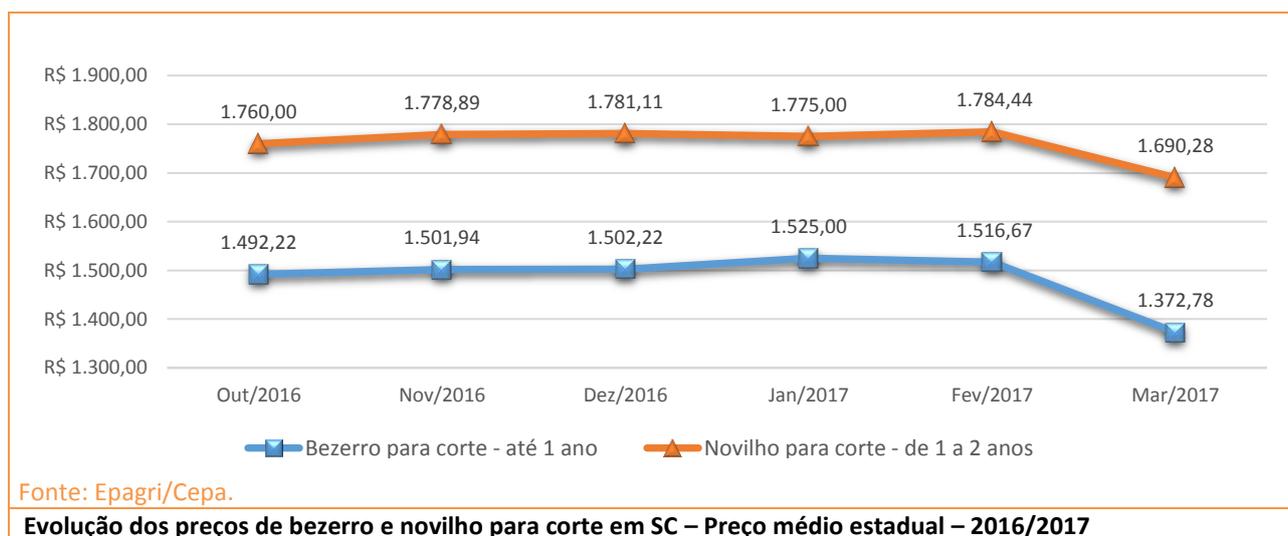
Em nota publicada no site do Mapa no início de abril, são apontados dois outros fatores relacionados ao mercado interno, que estariam também afetando o consumo de carne bovina e, com isso, impactando sobre os preços do boi gordo: a proximidade da Semana Santa e mudanças no regime de tributação em São Paulo.

No início de abril as principais empresas do setor de carne bovina do País anunciaram medidas que implicam em diminuição no ritmo dos abates. Inicialmente, a JBS concedeu férias coletivas de 20 dias, prorrogáveis por mais 10, em 10 de suas 36 plantas de processamento de bovinos no Brasil. Tal medida teria por finalidade ajustar os estoques em decorrência da redução na demanda provocada pela repercussão da “Operação Carne Fraca”. Posteriormente, Marfrig e Minerva também decidiram reduzir temporariamente a produção em plantas de processamento de carne bovina. A Minerva concedeu férias coletivas de 20 dias na unidade de Várzea Grande (MT), alegando a necessidade de realização de manutenção em equipamentos. A Marfrig, por sua vez, deu 10 dias de férias coletivas para o segundo turno do setor de abates da unidade de Tangará da Serra (MT), sem detalhar os fatores que motivaram essa decisão.

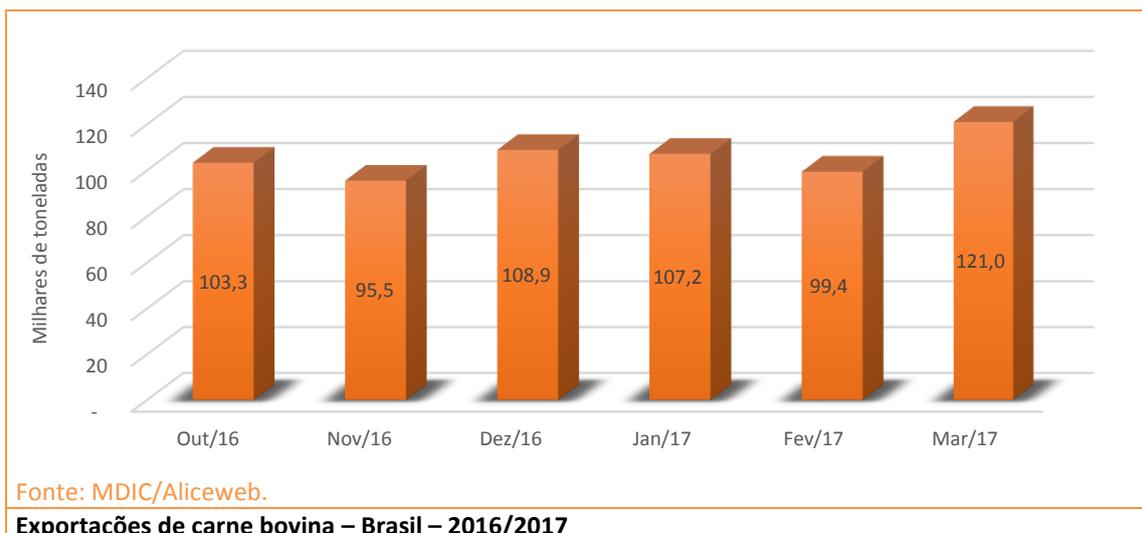
No dia 17 de abril, um mês após a “Operação Carne Fraca”, foi divulgado um levantamento realizado por uma consultoria especializada, o qual apontava que as duas maiores empresas do setor de carnes do país tiveram reduções significativas em seus valores de mercado. Conforme o levantamento, a JBS teria perdido 14,93% de seu valor de mercado, o que equivale a R\$4,87 bilhões. Já no caso da BRF, a queda teria sido de 1,25%, equivalente a R\$399,5 milhões.

No setor produtivo, além das oscilações do boi gordo já comentadas, chamam a atenção as variações observadas nos preços dos animais de reposição. Tradicionalmente as duas categorias monitoradas (bezerros e novilhos) apresentam oscilações pequenas e, nos últimos meses, as variações foram positivas na maioria das ocasiões. Contudo, o consumo enfraquecido e as incertezas decorrentes da “Operação Carne Fraca” provocaram quedas mais abruptas em março. O preço do bezerro até 1 ano para corte caiu 9,49% em relação a fevereiro, enquanto o novilho de 1 a 2 anos para corte registrou queda de 5,28%.

Os valores atuais ainda são um pouco superiores àqueles praticados em março de 2016: 1,50% no caso do bezerro e de 3,22% para o novilho.



Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), apesar das restrições iniciais decorrentes da “Operação Carne Fraca”, em março o Brasil exportou 121 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos), o que representa um aumento de 21,72% em relação a fevereiro. Contudo, na comparação com março de 2016, registra-se queda de 11,19%.



As receitas, por sua vez, atingiram o montante de US\$486,5 milhões, aumento de 23,33% em relação a fevereiro e queda de 3,25% na comparação com março do ano anterior.

Hong Kong e China seguem como os principais destinos da carne bovina brasileira. Os dois juntos foram responsáveis por 35,01% das receitas de março.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Março/2017		
País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Hong Kong	88.032.817,00	23.443,8
China	82.298.784,00	19.545,7
Rússia	56.432.493,00	17.267,8
Irã	37.816.486,00	9.852,6
Estados Unidos	33.744.033,00	5.823,1
Demais países	188.194.339,00	45.100,2
Total	486.518.952,00	121.033,3

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Em relação a março de 2016, houve uma queda nas exportações para Hong Kong: -23,38% em termos de receitas e -27,93% em quantidade de produto. Por outro lado, as exportações para a China aumentaram 33,26% em receitas e 25,57% em quantidade.

As exportações brasileiras de carne bovina no 1º trimestre deste ano somaram 327,6 mil toneladas, 8,03% menos do que no mesmo período do ano passado. As receitas totalizaram US\$1,30 bilhão, queda de 3,49%.

Apesar dos resultados ruins do 1º trimestre e dos potenciais impactos negativos da “Operação Carne Fraca” sobre o mercado externo, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) mantém as projeções de crescimento de 9% em faturamento e 11% no volume das exportações de carne bovina neste ano, conforme informação divulgada em sites especializados.

Dados preliminares do MDIC apontam que nas duas primeiras semanas de abril a média diária das exportações de carne bovina *in natura* foi de 4,2 mil toneladas (por dia útil), volume 3,8% menor que a média diária de abril de 2016.

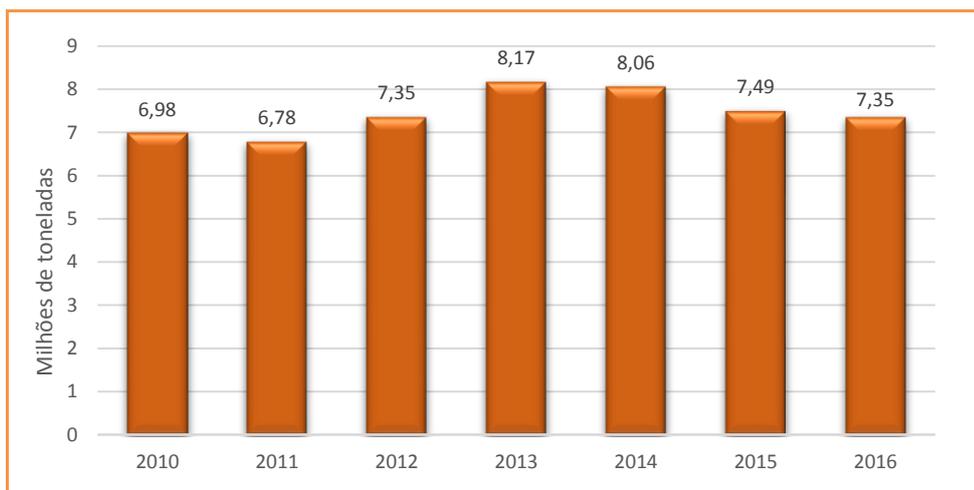
Em meados de março o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre, o que possibilita uma análise do desempenho da bovinocultura de corte no decorrer do ano passado. Conforme demonstram os

dados, em 2016 foram abatidos no Brasil 29,67 milhões de bovinos, o que representa uma redução de 3,21% em relação ao ano anterior. Essa é a terceira queda consecutiva no número de animais abatidos no País.



Fonte: IBGE (2017).

Quantidade de bovinos abatidos por ano no Brasil (milhões de cabeças) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

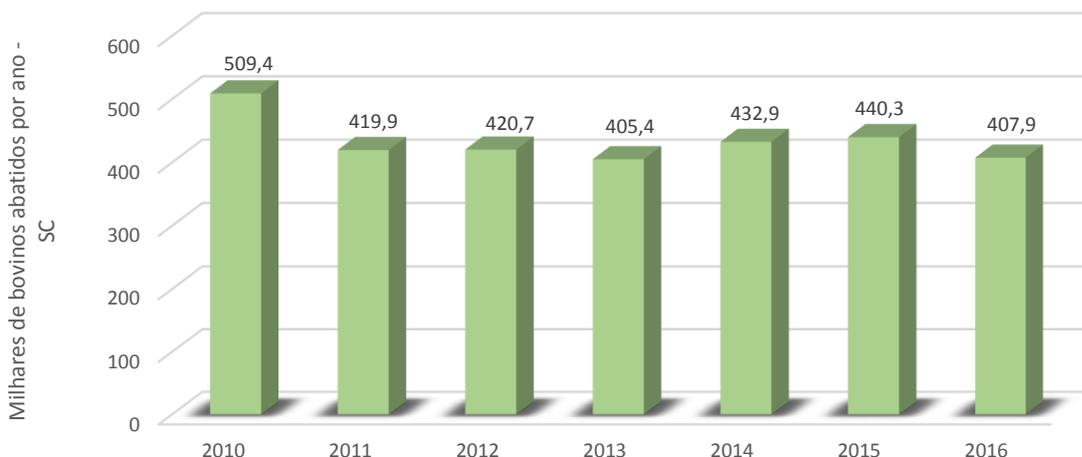
Produção de carne bovina no Brasil – peso de carcaça (milhões de toneladas) – 2010 a 2016

O ano de 2016 também apresentou novo recuo na produção nacional de carne bovina. De acordo com o IBGE, foram produzidas 7,35 milhões toneladas de carcaças bovinas, queda de 1,91% em relação ao ano anterior. Como fica evidenciado no gráfico, essa é a mesma quantidade produzida em 2012.

O pior desempenho ocorreu no 4º trimestre de 2016, quando se

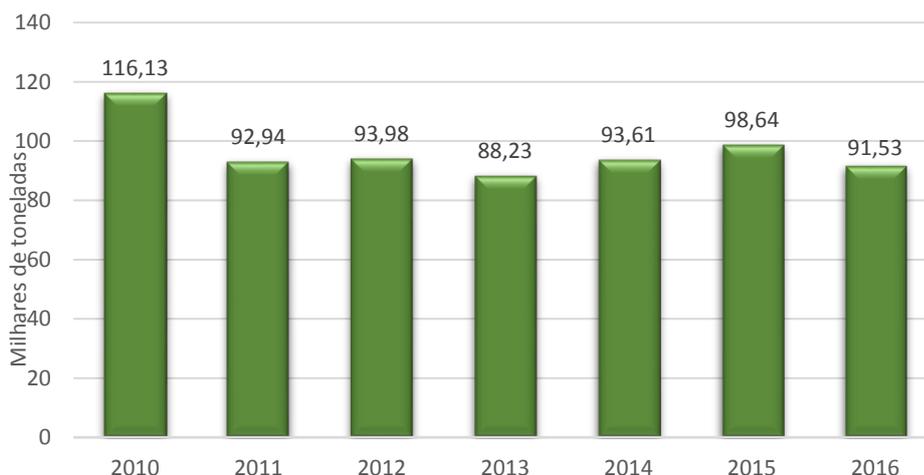
registrou queda de 4,06% em relação ao ano anterior. Os números mais favoráveis são do 2º trimestre (aumento de 1,36%).

Segundo os dados do IBGE, em 2016 foram abatidos em Santa Catarina 407,8 mil bovinos, o que representa uma queda de 7,37% em relação ao ano anterior. Esse é um dos piores resultados dos últimos 7 anos, ficando à frente somente do total de animais abatidos em 2013.



Fonte: IBGE (2017).

Quantidade de bovinos abatidos por ano em Santa Catarina (milhares de cabeças) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

Produção de carne bovina em Santa Catarina – peso de carcaça (milhares de toneladas) – 2010 a 2016

Os abates realizados em Santa Catarina durante o ano de 2016 resultaram em 91,53 mil toneladas de carcaças bovinas, conforme o IBGE. Esse montante representa uma queda de 7,21% em relação ao ano anterior.

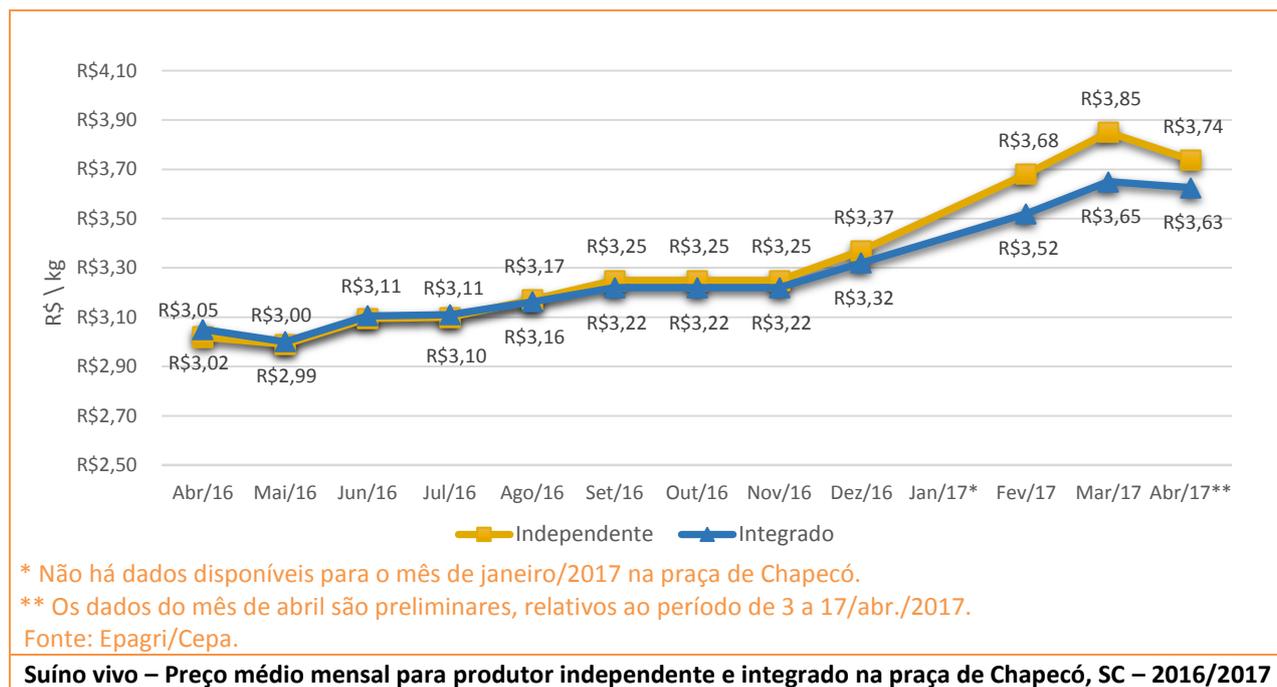
Esse é o segundo pior resultado dos últimos 7 anos, ficando à frente apenas de 2013.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Conforme já abordado anteriormente, a “Operação Carne Fraca” provocou um turbilhão no setor de carnes, cuja abrangência e amplitude ainda não são plenamente conhecidas. Uma análise mais aprofundada sobre essa questão pode ser encontrada neste boletim, na seção que trata de “Avicultura”, ou no Boletim Agropecuário – Edição especial “Operação Carne Fraca”, publicado em 22 de março, que apresenta informações mais detalhadas sobre a importância das carnes para a economia do Brasil e, principalmente, para Santa Catarina. A referida edição está disponível na página eletrônica da Epagri/Cepa (http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=4743).

Não obstante as incertezas que ainda permanecem acerca dos reais impactos da “Operação Carne Fraca”, os dados preliminares demonstram que a cadeia produtiva da suinocultura já vem sendo afetada por esse processo. Exemplo disso é a mudança de comportamento dos preços do suíno vivo em Santa Catarina. Desde dezembro de 2016 vinham ocorrendo variações positivas em Chapecó (praça de referência desse produto) tanto para os produtores independentes quanto os integrados. Contudo, os valores preliminares de abril demonstram quedas nas duas categorias: -2,89% para o produtor independente e -0,67% para o integrado.



Quando ao invés da média mensal se toma como referência os preços diários, percebe-se que a variação de preços ocorrida após a “Operação Carne Fraca” é um pouco mais significativa. Em 13 de março (última data de coleta disponível antes da operação), o preço do suíno vivo em Chapecó era de R\$3,85/kg para produtores independentes e R\$3,65/kg para integrados. Em 17 de abril, um mês após a deflagração, o preço diário registrado nessa mesma praça foi de R\$3,70/kg para os independentes (-3,90%) e R\$3,54/kg para os integrados (-3,01%).

Os preços do suíno vivo já vinham apresentando tendência de queda no início de março nos principais estados produtores, conforme apontado no Boletim Agropecuário nº 46. Após a “Operação Carne Fraca”

esse movimento se acentuou, mantendo-se nas primeiras semanas de abril, como demonstram os dados preliminares.

Os três estados que apresentaram quedas mais significativas nos preços preliminares de abril em relação às médias de março foram: Paraná (-12,43%), São Paulo (-11,93%) e Minas Gerais (-11,53%). Em seguida aparece o Rio Grande do Sul, com queda de 4,75%. A menor variação até o momento é observada em Santa Catarina, cuja média estadual variou -3,39%.



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

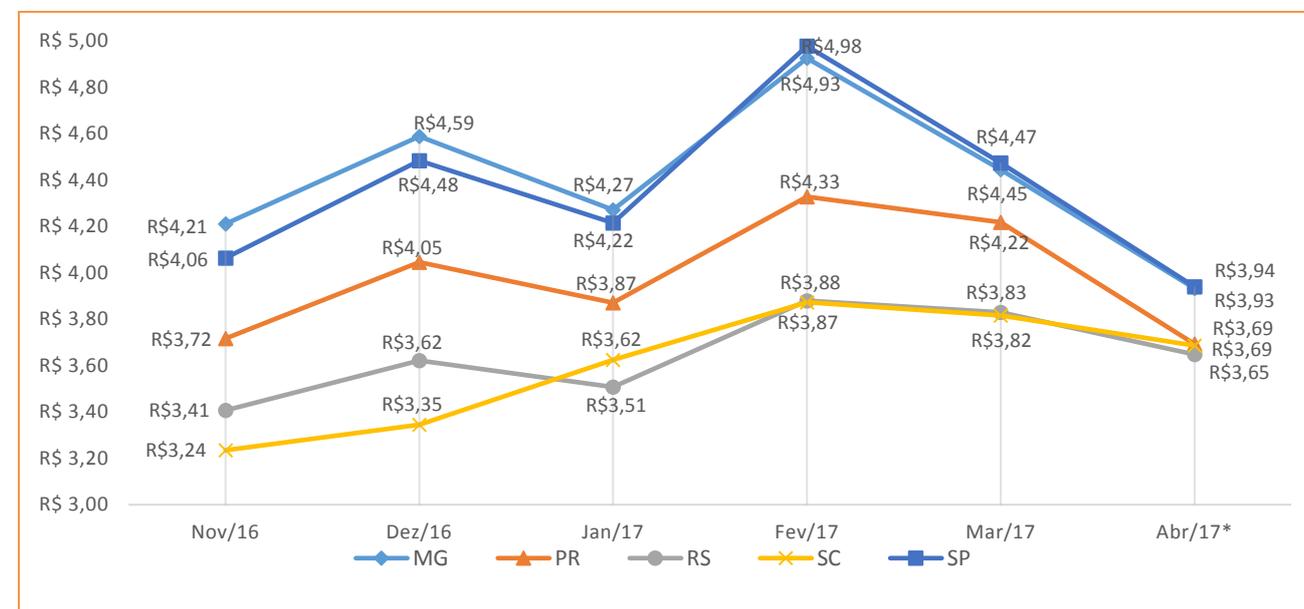
Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (mar/2017 – abr./2017)

Destaca-se que em meados de abril foram registradas pequenas oscilações positivas nos preços diários de Minas Gerais, Paraná e São Paulo. Contudo, ainda não é possível afirmar se essas ocorrências significam um sinal de retomada do processo de recuperação nos preços ou sinalizam somente movimentos pontuais e sem continuidade no médio prazo.

Apesar dos recuos recentes, na comparação com os preços praticados em abril de 2016, o cenário atual ainda é favorável, com variações positivas em todos os estados analisados: 34,12% no Paraná, 29,73% no Rio Grande do Sul, 27,01% em São Paulo, 21,28% em Santa Catarina e 17,09% em Minas Gerais. A inflação acumulada no período foi de 4,86% (IGP-M).

Sul, 27,01% em São Paulo, 21,28% em Santa Catarina e 17,09% em Minas Gerais. A inflação acumulada no período foi de 4,86% (IGP-M).

O gráfico abaixo apresenta a evolução do preço pago ao produtor pelo quilo do suíno vivo nos cinco principais estados produtores nos últimos 6 meses.

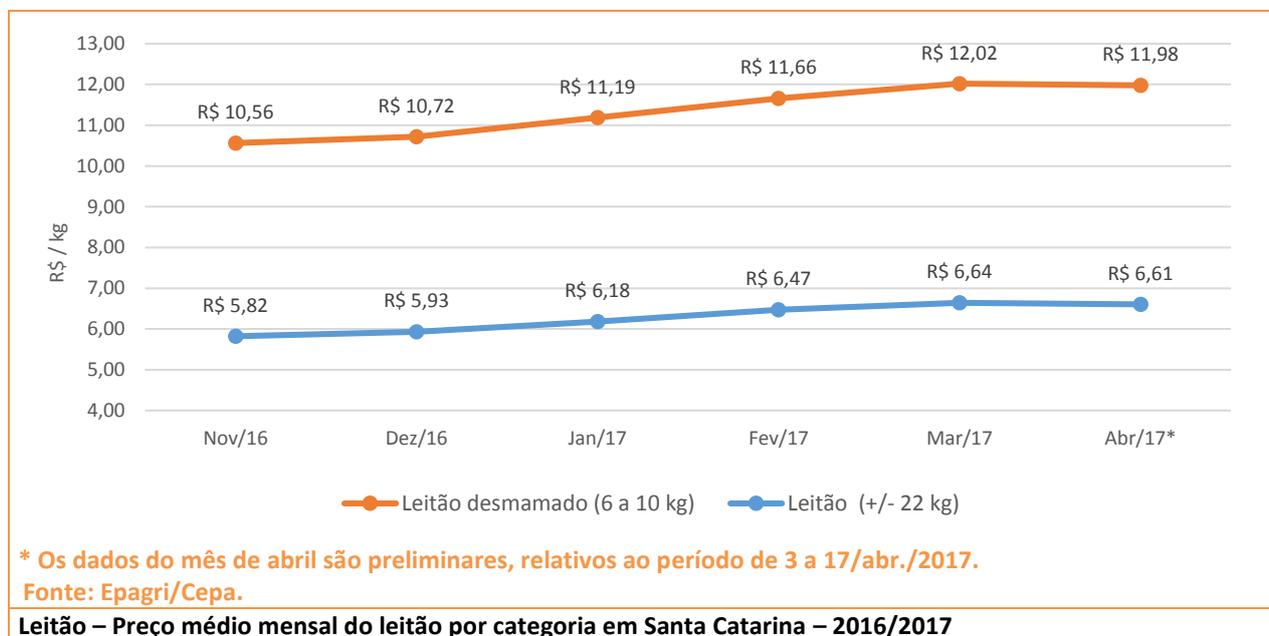


* Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

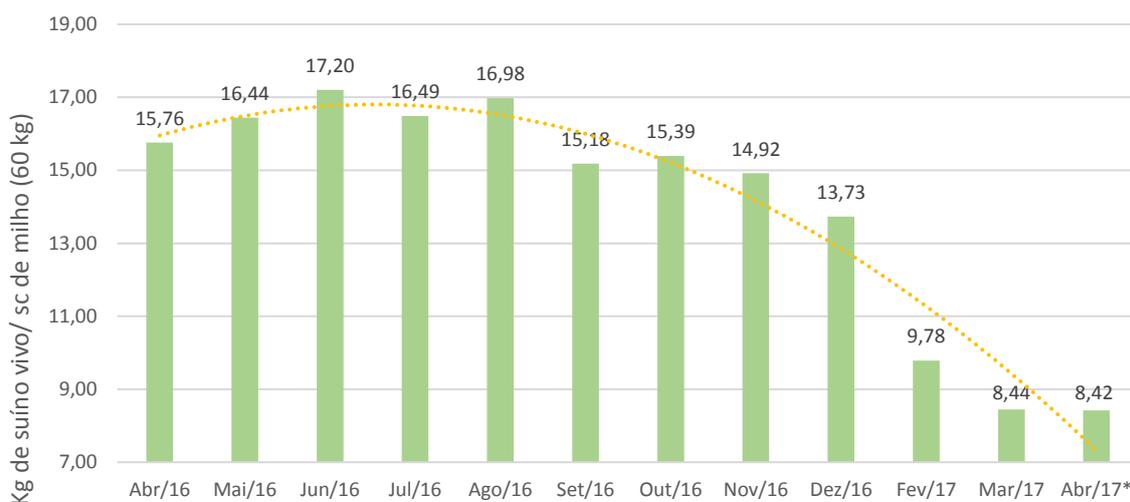
Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016/2017

O preço dos leitões também tem sido afetado pela queda no preço do suíno vivo. Conforme é possível verificar no gráfico a seguir, em relação ao mês anterior, os preços médios preliminares de abril variaram -0,35% para os leitões de 6 a 10kg e -0,54% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com abril de 2016, os valores atuais ainda são significativamente superiores: 19,21% para os leitões de 6 a 10kg e 18,83% para leitões de +/-22kg.



Seguindo a tendência observada há alguns meses, em março os custos de produção apresentaram novo recuo, de acordo com o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) calculado pela Embrapa Suínos e Aves. Em relação a fevereiro, registrou-se queda de 4,30%. Neste ano a variação acumulada é de -12,80%, puxada principalmente pela redução nos custos com ração (variação de -13,90% no ano).

A relação de troca insumo/produto, calculada pela Epagri/Cepa, também segue apresentando queda, embora em percentuais pequenos. Em meados de abril, o índice era de 8,42, o que representa queda de 0,28% em relação ao mês anterior.



Para o cálculo da relação de troca insumo/produto, utilizou-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. Já para o milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Em ambos os casos a praça de referência é Chapecó/SC.

* Os dados do mês de abril são preliminares, relativos ao período de 3 a 17/abr./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

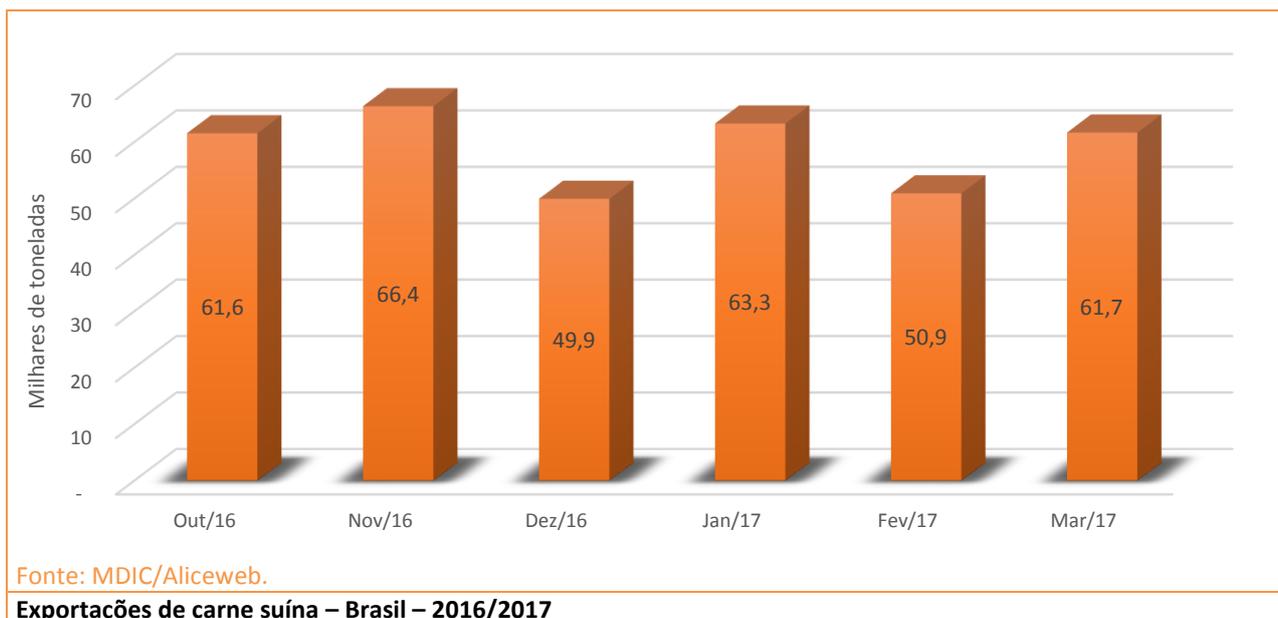
Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Essa redução no ritmo de queda da relação de troca deve-se à baixa oscilação no preço do milho em relação ao mês anterior (queda de apenas 2,08%) e à variação negativa no preço do suíno vivo, já relatada anteriormente.

Em relação ao milho, o 7º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, elaborado pela Conab, demonstra que a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 29,9 milhões de toneladas desse grão, o que representa um incremento de 15,5% em relação ao ano anterior. No que diz respeito à 2ª safra, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 61,6 milhões de toneladas, um aumento de 51,45%. A produção total de milho deve ser de 91,49 milhões de toneladas (aumento de 37,48% em relação à safra 2015/2016). Esse cenário indica uma boa disponibilidade de grãos para o próximo período e, com isso, expectativas de manutenção dos atuais patamares de preços ou quedas ainda mais significativas.

Apesar das perspectivas ruins em função da repercussão da “Operação Carne Fraca”, as exportações de carne suína apresentaram alguns números positivos em março. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), as receitas atingiram US\$149,4 milhões nesse mês, o que representa um aumento de 32,66% em relação ao mês anterior e de 37,93% na comparação com março de 2016. O valor médio da tonelada exportada foi de US\$2.421,78, a melhor média desde novembro do ano passado.

Contudo, em termos de quantidade de produto exportado houve retração de 4,76% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Em março deste ano o País exportou 61,7 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos). Em relação a fevereiro, a variação foi positiva (21,14%).

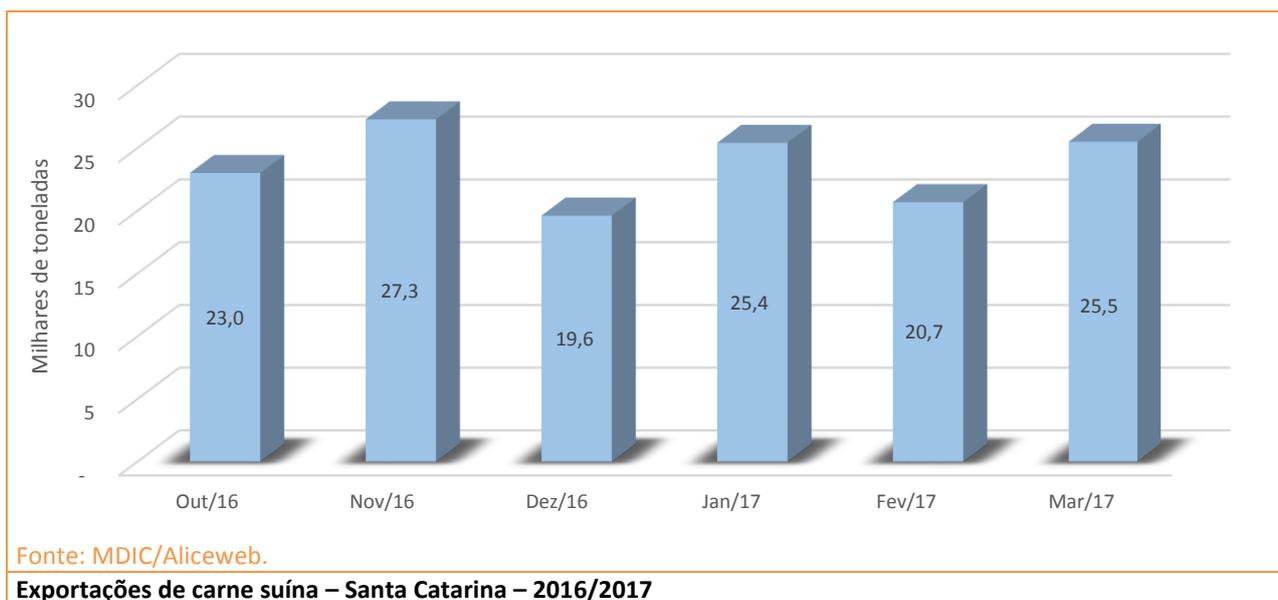


No acumulado do ano verifica-se um crescimento de 8,33% na quantidade e de 46,77% nas receitas, em comparação com o 1º trimestre de 2016.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em março foram Rússia, Hong Kong, China, Argentina e Cingapura, os quais, juntos, foram responsáveis por 83,82% das receitas oriundas desse produto.

Diferentemente do cenário nacional, Santa Catarina registrou variação positiva na quantidade de carne suína exportada em março deste ano, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Foram exportadas 25,5 mil toneladas, o que representa um incremento de 9,31%. Na comparação com fevereiro, houve aumento de 23,25%.

As receitas, por sua vez, atingiram o montante de US\$60,34 milhões, aumento de 32,08% em relação a fevereiro e de 55,36% na comparação com março de 2016.



No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 71,6 mil toneladas e obteve US\$160,97 milhões em receitas, aumento de 23,62% e 66,86%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os principais destinos da carne suína catarinense foram Rússia, China, Hong Kong, Argentina e Chile, responsáveis por 82,09% das exportações do Estado. Contudo, diferentemente do que vinha sendo observado desde o início do 2º trimestre do ano passado, dessa vez as exportações de carne suína para China não apresentaram taxas de crescimento estratosféricas em relação ao ano anterior. Ainda assim, registraram-se aumentos de 2,05% na quantidade e 12,29% no valor. Já a Rússia, novamente, apresentou números significativamente positivos: em relação a março de 2016, houve aumento de 6,46% na quantidade e de 88,24% nas receitas.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Março/2017		
País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Rússia	27.989.134,00	10.357,3
China	9.413.110,00	4.594,1
Hong Kong	5.690.140,00	2.870,9
Argentina	3.775.394,00	1.274,8
Chile	2.661.920,00	1.170,6
Demais países	10.808.706,00	5.247,9
Total	60.338.404,00	25.515,6

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Conforme divulgado pela imprensa especializada, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) mantiveram suas projeções para o crescimento das exportações de carnes neste ano, mesmo após os embargos temporários implementados por alguns países compradores em decorrência da “Operação Carne Fraca”. De acordo com as estimativas da ABPA, as exportações de carne suína devem crescer cerca de 5% em 2017.

Dados preliminares do MDIC apontam que nas duas primeiras semanas de abril a média diária de embarque de carne suína *in natura* foi de 2,7 mil toneladas (por dia útil), montante 1,8% superior à média diária de abril de 2016.

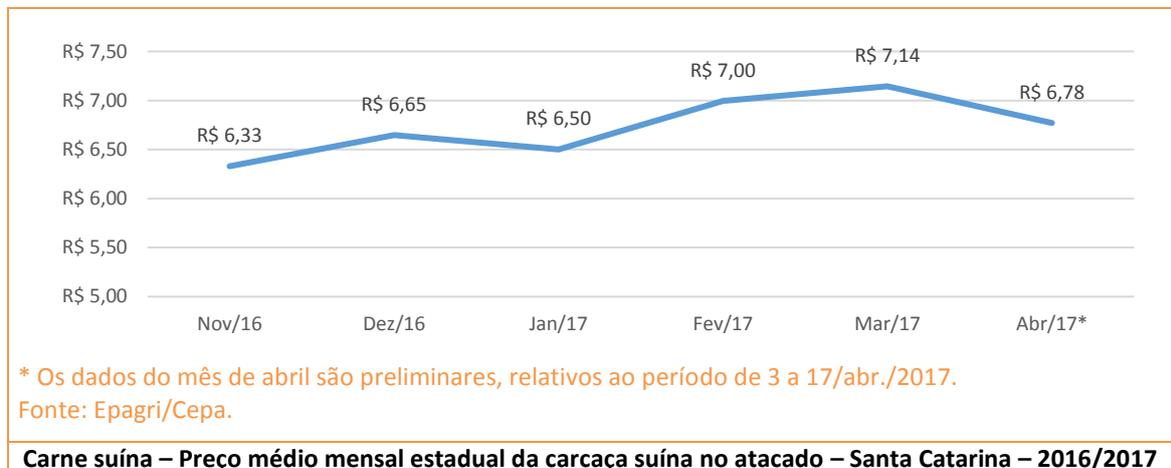
Quanto ao mercado atacadista, os dados da Epagri/Cepa demonstram que, apesar da crise que atingiu o setor após a “Operação Carne Fraca”, 2 dos 5 cortes cujo preço é monitorado pela instituição tiveram variações positivas entre março e abril.

Carne suína – Preços médio estadual no atacado - Santa Catarina – 2017				
Produto	Janeiro/17	Fevereiro/17	Março/17	Abril/17*
Carré (sem couro)	R\$7,58	R\$8,67	R\$8,91	R\$9,76
Costela (sem couro)	R\$13,80	R\$13,64	R\$13,96	R\$14,13
Lombo	R\$11,99	R\$11,88	R\$11,97	R\$11,85
Carcaça	R\$6,50	R\$7,00	R\$7,14	R\$6,78
Pernil (com osso e sem couro)	R\$6,90	R\$7,87	R\$7,93	R\$7,74

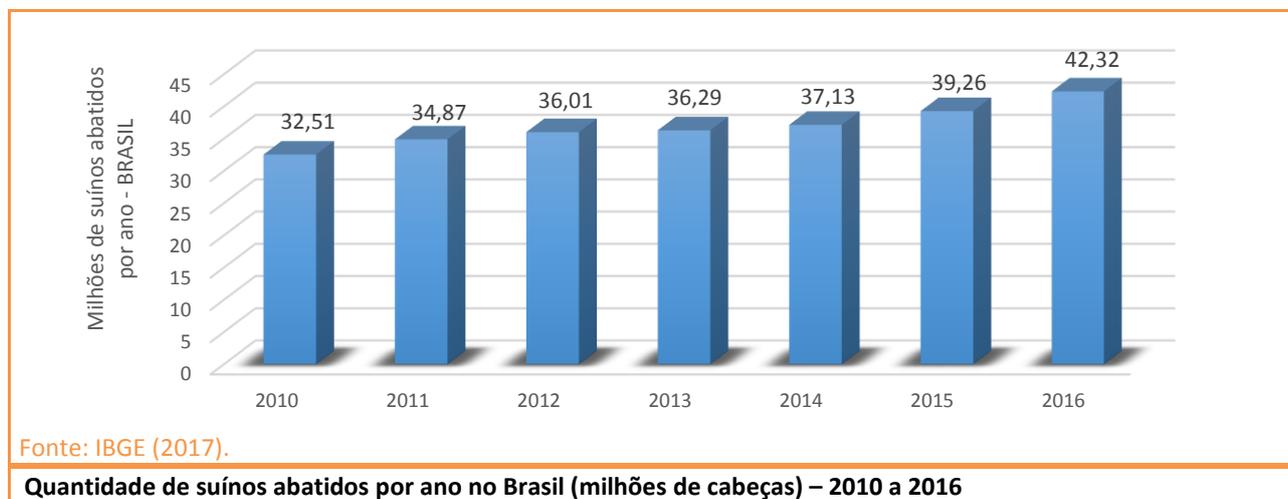
Fonte: Epagri/Cepa.
 * Preços preliminares, referentes ao período de 3 a 17/abr/2017.

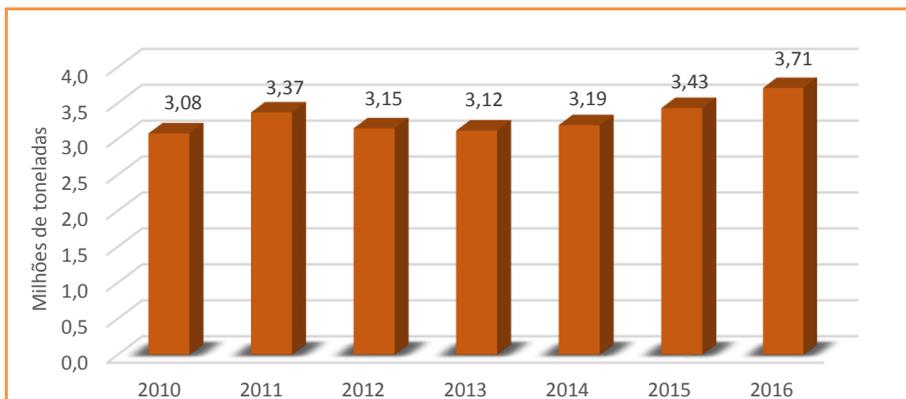
A maior variação foi observada no carré suíno sem couro, cujo preço aumentou 9,54% no período. A maior queda ocorreu no preço da carcaça, com variação de -5,08%. Ressalta-se que até março os preços de atacado vinham apresentando majoritariamente movimentos de elevação, principalmente em função da menor disponibilidade de carne suína no mercado causada pela redução de alguns plantéis durante o ano passado

(consequência da crise do milho) e pelo aumento das exportações. Essa pode ser uma das razões para os aumentos observados em alguns cortes, mesmo após a “Operação Carne Fraca”.



Em meados de março, o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre, o que possibilita uma análise do desempenho da suinocultura no decorrer do ano passado. Conforme demonstram os dados, em 2016 foram abatidos no Brasil 42,32 milhões de suínos, o que representa um incremento de 7,77% em relação ao ano anterior. Como fica evidenciado no gráfico abaixo, o abate de suínos vem apresentando sucessivos crescimentos nos últimos sete anos.





Fonte: IBGE (2016).

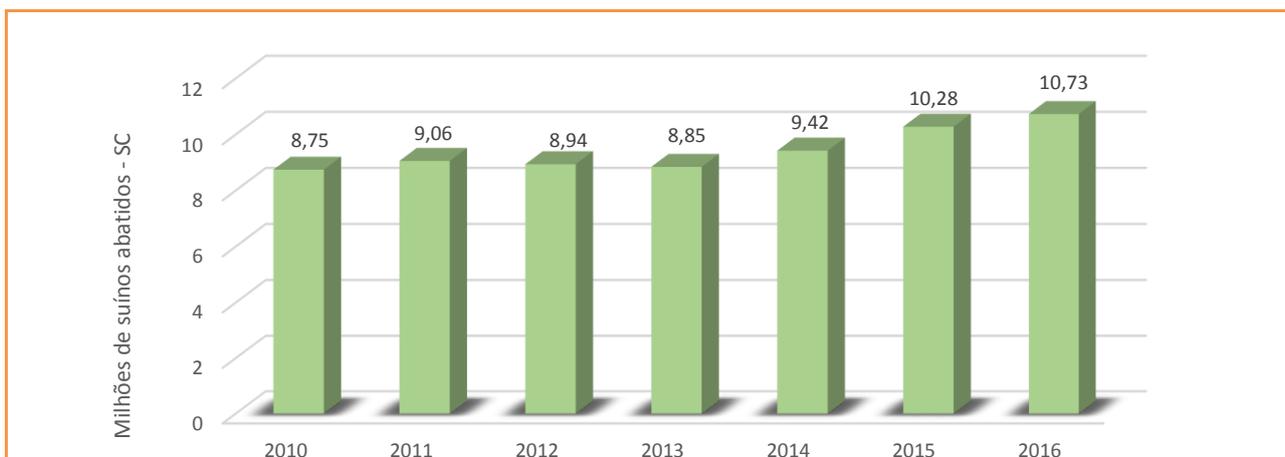
Produção de carne suína no Brasil – peso de carcaça (milhões de toneladas) – 2010 a 2016

A produção de carne suína durante o ano passado acompanhou o crescimento no número de animais abatidos. Conforme demonstram os dados do IBGE, de janeiro a dezembro de 2016 foram produzidos 3,71 milhões de toneladas de carcaça, o que representa um aumento de 8,17% em relação a 2015.

A análise dos dados detalhados mostra que o 1º trimestre foi o que teve o

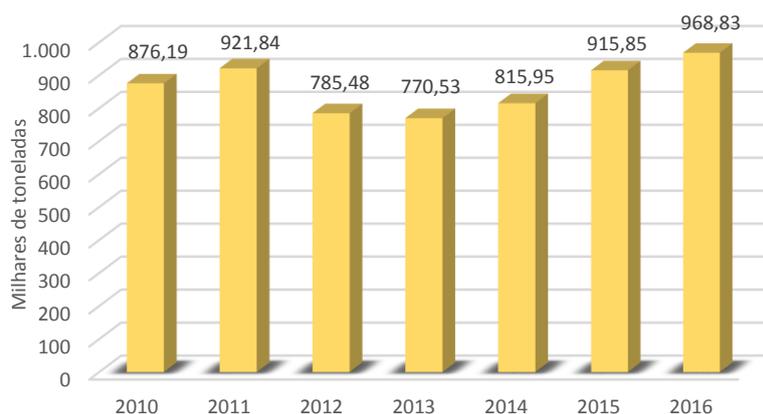
melhor desempenho, com aumento de 12,05% em relação ao ano anterior. O pior desempenho ocorreu no 3º trimestre, quando a variação atingiu somente 5,80%.

Santa Catarina também registrou aumento no número de suínos abatidos durante o ano passado, com crescimento de 4,39% em relação a 2015. O gráfico abaixo demonstra que após dois anos sucessivos de queda nos abates (2012 e 2013), a partir de 2014 têm sido registrados incrementos constantes.



Fonte: IBGE (2017).

Quantidade de suínos abatidos por ano em Santa Catarina (milhões de cabeças) – 2010 a 2016



Fonte: IBGE (2016).

Produção de carne suína em Santa Catarina – peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2010 a 2016

De acordo com o IBGE, em 2016 Santa Catarina produziu 968,8 mil toneladas de carcaças suínas, o que representa um incremento de 5,79% em relação ao ano anterior.

Desde 2013 vem sendo registrados aumentos sucessivos na produção, o que tem feito com que o Estado se mantenha como o maior produtor nacional de suínos.

A análise dos dados detalhados demonstra que o 1º semestre de 2016 chegou a registrar uma variação de 9,28% em relação ao

ano anterior. Contudo, no 2º semestre a diferença foi de somente 2,59%.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Recentemente o IBGE divulgou novos dados da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE), agora com os números do último trimestre de 2016. Isso permitiu conhecer o comportamento da comercialização de leite dos produtores para as indústrias inspecionadas durante todo o ano passado, e os números confirmaram aquilo que se desenhava desde os primeiros meses de 2016: a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas seria inferior à de 2015. O decréscimo foi de 3,7%, superando os 2,8% ocorridos de 2014 para 2015.

Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas – 2014-16						
UF	(Bilhão de litros)			Var. (%)		
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15	2016/14
MG	6,590	6,442	6,106	-2,2	-5,2	-7,3
RS	3,431	3,488	3,250	1,7	-6,8	-5,3
PR	2,972	2,838	2,744	-4,5	-3,3	-7,7
SP	2,525	2,607	2,559	3,2	-1,8	1,3
SC	2,340	2,348	2,438	0,3	3,8	4,2
GO	2,685	2,450	2,313	-8,8	-5,6	-13,9
BA	0,364	0,332	0,320	-8,8	-3,6	-12,1
7 estados	20,907	20,507	19,731	-1,9	-3,8	-5,6
(%) 7 estados	84,5	85,2	85,2			
BRASIL	24,747	24,062	23,169	-2,8	-3,7	-6,4

Nota: dados de 2016 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Embora pareçam reduções de pouca importância, não é bem o caso. Além de reverter um crescimento que se observava desde os anos da década de 1990, as quedas acumuladas significaram que a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas em 2016 foi 6,4% menor que a de 2014. Isso, aliado ao crescimento da população residente, permite afirmar que o Brasil iniciou o ano de 2017 com redução superior a 8% na disponibilidade de leite em litros/habitante/ano de produção interna.

Ao se regionalizar a PTL/IBGE conclui-se também que não está muito longe a possibilidade de a Região Sul, que já é a de maior produção, superar a Região Sudeste também na quantidade de leite recebido pelas indústrias inspecionadas. Essa tendência fica bastante clara quando se leva em conta um período maior de anos. De 2005 a 2016, por exemplo, a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas aumentou 102,1% na Região Sul, contra apenas 23,5% na Região Sudeste. Essa diferença só não é maior porque as indústrias da Região Sudeste ainda adquirem muito leite cru de estados de outras regiões, inclusive da Região Sul.

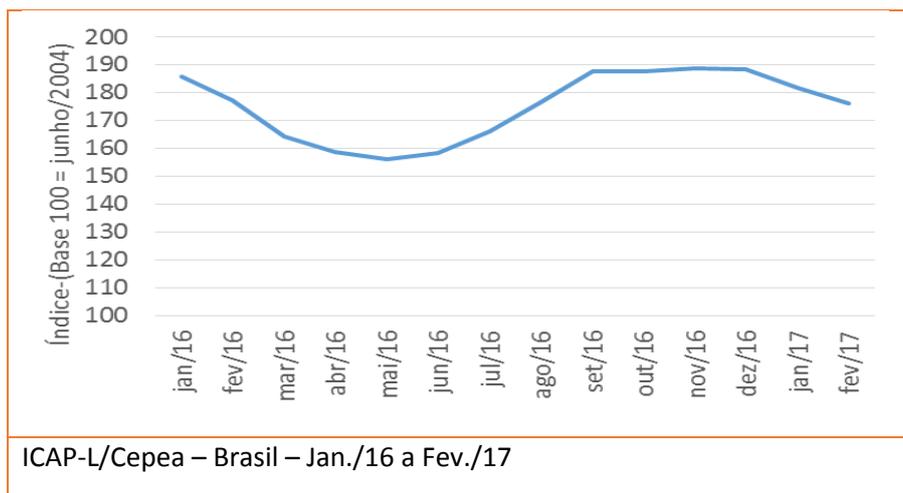
Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas – 2005 e 2016

Região	(Bilhão de litros)		Var. (%)	Participação (%)	
	2005	2016		2005	2016
Sudeste	7,673	9,478	23,5	47,1	40,9
Sul	4,172	8,432	102,1	25,6	36,4
Centro-Oeste	2,611	2,995	14,7	16,0	12,9
Nordeste	0,946	1,173	23,9	5,8	5,1
Norte	0,877	1,091	24,5	5,4	4,7
BRASIL	16,279	23,168	42,3	100	100

Nota: dados de 2016 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

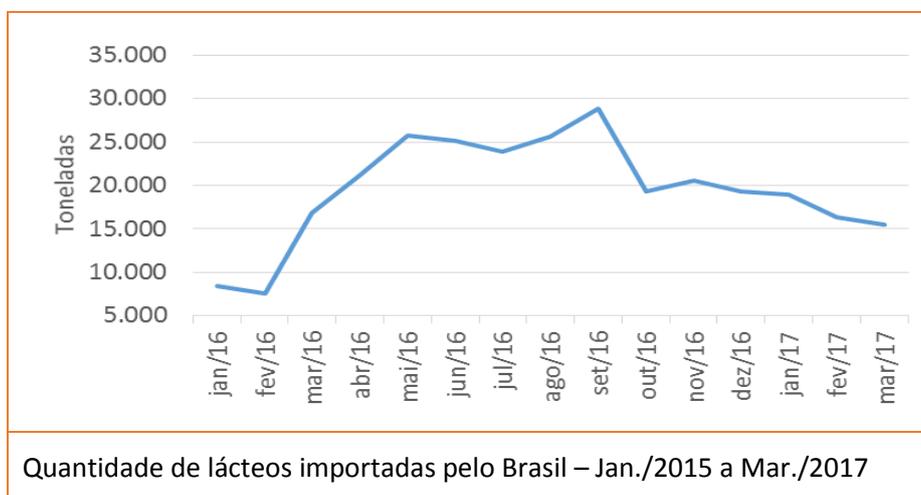
Como salientamos em boletins agropecuários anteriores, não é improvável que também em 2017 repitam-se os comportamentos de 2015 e 2016. Embora ainda relativos a apenas dois meses, um indicativo disso tem sido o Índice de Captação de Leite Brasil (ICAP-L/Cepea)¹, que mostra que tanto em janeiro como em fevereiro deste ano houve redução no volume total de leite captado pelas indústrias dos sete estados pesquisados, em relação aos mesmos meses do ano de 2016.



Apesar dessa redução na oferta interna, a quantidade de lácteos importados em janeiro e fevereiro deste ano havia superado as dos mesmos meses de 2016. No mês de março isso não se repetiu, além de seguir a trajetória de decréscimo iniciada ao final de 2016, a quantidade importada foi menor que a de março de

¹ Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

2016. A expectativa é de que de agora em diante as importações sejam bem inferiores às dos mesmos meses de 2016 e, conseqüentemente, tenham menor relevância no abastecimento do mercado interno².



Em face da menor oferta interna, e também da tendência de redução nas importações, persiste um quadro de reposicionamentos de alguns preços na cadeia produtiva, com aumento do poder de barganha das indústrias com o atacado e o varejo, o que segue refletindo em aumento nos valores recebidos pelos produtores. Em Santa Catarina, conforme os levantamentos da Epagri/Cepa, abril (pagamento pelo leite entre as indústrias em marco) foi o quarto mês consecutivo de aumento aos produtores.

Leite - Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento - 2015-17

Mês	R\$/l posto na propriedade			Var. (%)	
	2015	2016	2016	2016/15	2017/16
Janeiro	0,75	0,91	1,10	21,3	20,9
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	30,1	26,3
Março	0,76	1,02	1,25	34,2	22,5
Abril	0,80	1,07	1,28	33,8	19,6
Maio	0,87	1,11		27,6	
Junho	0,89	1,19		33,7	
Julho	0,91	1,29		41,8	
Agosto	0,93	1,52		63,4	
Setembro	0,92	1,41		53,3	
Outubro	0,90	1,24		37,8	
Novembro	0,87	1,10		26,4	
Dezembro	0,89	1,08		21,3	
Média anual	0,85	1,16		35,9	

Fonte: Epagri/Cepa.

² Não foi o caso de 2016, quando, transformadas em equivalente litros de leite, as importações representaram cerca de 7,5% volume total de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas do Brasil, percentual muito acima dos anos de 2014 e 2015, 2,6% e 4,1%, respectivamente.